Warley Matias de Souza

IN
ANO 4000

Warley Matias de Souza

IN

ANO 4000

Souza, Warley Matias de, 1974-
IN: ano 4000 / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2024.
ISBN 978-65-00-94397-9
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
IN

(Obra revista pelo autor em 2024)

Um

O juiz está de pé, perto da janela de seu gabinete. O céu está cinzento, como sempre. Mas o juiz não busca inspiração, não precisa. Está apenas decidindo que pena é mais adequada ao caso.

Não sente culpa por encarcerar pretos e pobres. Acredita que ele, juiz, merece o cargo que ocupa. Ter nascido em uma família abastada, de forma alguma, ajudou em sua ascensão profissional. São esforço e inteligência os responsáveis pelo seu sucesso.

Quando lhe perguntam por que pouquíssimos pobres e pretos chegam à sua posição, a resposta lhe parece óbvia: não se esforçam o suficiente. Então só os brancos e não pobres se esforçam? A conclusão é também óbvia para o juiz: pretos e pobres são inferiores.

Por isso, não tem nenhuma culpa em ter essas pessoas como seus servos. Herdou o deus dos Naturais, assim como seus valores.

Quando vai ao templo aos domingos, um templo frequentado por aqueles de sua classe apenas, agradece a deus pela família perfeita, pelo trabalho perfeito e promete transformar o mundo em um lugar perfeito.

O único privilégio que admite é o de ser amado por deus mais do que a divindade ama os pretos e pobres. No mais, cumpre seu papel de cristão, pois dá emprego aos inferiores, para que não morram de fome, e protege-os de si mesmos, pois são propensos ao vício e à violência.

Gosta de ser juiz e do poder que o cargo lhe confere. Nessa função, entende o que é ser deus, dono dos destinos alheios. Condena pretos e pobres, coloca-os em cárceres imundos, fétidos, feios e superlotados.

E não acha que eles sofram com isso. Afinal, esse é um ambiente adequado para eles. Além disso, jamais passam fome ali.

Quando o alfa decidiu manter nos Artificiais a sensação de fome, pretendia que houvesse algum tipo de evolução com o passar dos anos. Foram mantidos, também, a dor, o prazer e a morte, amiga do medo.

O juiz olha para seu reflexo no espelho do gabinete. A pele branca, os lábios finos, o cabelo grisalho, o terno escuro, a barriga proeminente de cinquenta anos.

Seus olhos castanhos estreitam-se, e o juiz, mais uma vez, tem a certeza de que a pena de morte é a melhor forma de combater a criminalidade. Porém, alguns juízes ainda são contra o extermínio de pretos e pobres.

Eles têm medo de ficar sem servos.

Policiais pretos e pobres cumprem a tarefa de exterminar seus iguais, quando invadem subúrbios e favelas e, com seus desativadores, eliminam tantas consciências.

O juiz sorri ao pensar nisso, pois é uma situação bastante eficaz, na falta da oficialização da pena capital.

Decide, enfim, a pena apropriada para o caso. E sente-se especial, cheio de sabedoria e superioridade. É um juiz, determina o destino de todos, mantém seus iguais no poder e pune os servos para que saibam qual é o seu devido lugar.

Dois

A esposa do juiz é loura, alta, com uma pele branca quase leite. Nunca sai de seu quarto sem antes passar um leve batom vermelho nos lábios pálidos. Tem os movimentos delicados de uma mulher calculista de quarenta e sete anos.

A voz está sempre no mesmo tom, e todas as palavras são seguidas por um sorriso de forma alguma natural. Desde muito cedo, aprendeu a disfarçar sua monstruosidade e confundir os menos atentos. É capaz de dizer eu te odeio com uma doçura sorridente.

O seu sorriso ela leva também para reclamar da professora de Literatura de seu filho. Não, não é certo dar uma tarefa de casa com trechos do diário de Carolina Maria de Jesus.

— *Quarto de despejo*.

Estremece, ao mencionar o infame título.

A esposa do juiz é contra a vitimização, não acredita nas palavras da autora. E acha que a tal professora é mal-intencionada.

— Esse livro faz parte da história da literatura mundial — diz a professora, enquanto controla a raiva diante do desrespeito à sua profissão.

— É indigno — conclui a mãe e, em seguida, abre seu falso sorriso.

A direção da caríssima escola particular, obviamente, dá razão à esposa do juiz, pois “o cliente tem sempre razão”, frase milenar mais respeitada do que as palavras de uma genial, e também milenar, escritora preta.

No carro, de volta à casa, a esposa do juiz prepara seu sorriso para dizer à empregada que seu trabalho está deixando muito a desejar.

— Quanto tempo você trabalha aqui, Preta?

— Dez anos.

— É muito tempo, Preta. Você é quase da família.

O sorriso de Preta não tem só as marcas da humildade, mas também do medo.

E o medo alimenta os monstros.

A esposa do juiz, com sua falsa delicadeza, gosta de ser dona de casa e das pessoas. Ter poder sobre Preta é um de seus maiores prazeres. Mas faz parte das regras básicas de convivência tratar a empregada como se ela fosse uma igual.

Porém, todos sabem que não é. Preta é uma pobre coitada. A esposa do juiz sente desprezo por ela, mas diz ser compaixão, pois acredita em deus e na divina desigualdade.

Duas vezes por semana, a esposa do juiz está disposta a satisfazer sexualmente o marido. Não sente orgasmos, mas finge, para agradar ao juiz. Tudo nela é falso. Todos os seus gestos são

pensados. É uma grande atriz no palco da vida. E gosta dos papéis que representa.

Todos sabem que a esposa do juiz ama o marido e o filho. É uma dona de casa realizada. Generosa, está sempre disposta a ajudar os necessitados. E, todas as semanas, vai ao templo e participa, fervorosa, do culto.

— As coisas mais importantes na vida — a esposa do juiz sempre diz — são deus e a família.

Ultimamente, anda com ideias, obviamente conservadoras, sobre educação, saúde e segurança pública. Incentiva o marido a ingressar na política, mas também pensa em um possível lugarzinho ao sol no legislativo.

E por que não? Uma mulher antifeminista também tem certas ambições. É uma mãe e não pode permitir que seu filho seja prejudicado por políticas de igualdade. Então, precisa lutar para manter o *status quo*.

Três

O filho do juiz é um jovem alienado de dezessete anos. É louro como a mãe, mas não tem seus olhos verdes. São castanhos, como os do pai. Tem estatura mediana e alguns quilinhos a mais.

O seu melhor amigo é um tipo “cabeça”, o mais inteligente da turma. Não porque tire notas altas, isso não acontece, mas porque é questionador, observador e curioso.

O filho do juiz vai à cozinha buscar um suco de laranja e deixa o melhor amigo concentrado no trabalho da escola. Quando volta ao quarto, sorri e comenta que Preta é como se fosse da família.

O outro replica:

— Como *se* fosse. Mas não é, pois é *apenas* sua empregada.

— É jeito de falar.

— Não há diferença entre uma empregada doméstica e uma escrava doméstica.

— A empregada ganha um salário.

— Grande diferença!

— Você também tem empregada doméstica.

— Eu não, *meus pais* têm uma.

— Mas você não deixa de comer o almoço que ela faz pra você.

— É verdade. Mas, um dia, terei minha casa, e sem empregada doméstica.

O filho do juiz é apaixonado pelo seu melhor amigo. Mas este gosta da professora de Literatura. Só que ela talvez goste de mulheres. Esse é o boato que corre na escola.

E quando ela diz, em sala de aula, que não acredita em deus, o filho do juiz logo conta para sua mãe, a esposa do juiz, que a professora de Literatura é lésbica e ateia.

A esposa do juiz acha que a professora é uma péssima influência. E, por isso, precisa ser demitida.

— Você conta tudo pra sua mãe? Parece criança! Tem dezessete anos! Não sabe pensar com a própria cabeça?

Estão no pátio luxuoso do colégio, na hora do recreio.

— Vai agora contar pra sua mãe as coisas que eu te falo também? Pois eu penso como a professora de Literatura! E sua mãe vai te afastar de mim por causa disso?

O filho do juiz não quer ficar longe de seu melhor amigo, de sua pele muito branca, de seu cabelo louro, de seus olhos azuis, de seu corpo esguio e saudável.

— Sua mãe é uma opressora! Aliás, o nosso Estado é um opressor. E a sua religião, meu

amigo, também é opressora. Ninguém consegue ser livre de verdade porque vocês não deixam.

— Não sei o que dizer. Não sou como você. Não ligo pra essas coisas. Só quero ser feliz.

— E o resto que se foda, né?

O filho do juiz pensa como a mãe, mas é apaixonado pelo melhor amigo. Então, enquanto a paixão durar, ele vai passar por cima de tudo por algumas migalhas de atenção.

O melhor amigo dá uma risadinha ao lembrar o que a professora de Literatura disse em uma de suas aulas. Ela comentava o livro de um autor ateu, e um debate sobre religião e ateísmo surgiu em boa hora.

— Às vezes, me sinto como se eu fosse a única adulta em um mundo cheio de crianças que acreditam em papai Noel e que podem ser agressivas caso eu diga pra elas que ele não existe.

Quatro

Preta vai ao templo, com o marido, no domingo à noite. Não é o mesmo templo da patroa, pois a desigualdade está também no direito ao louvor. Deus, afinal, precisa saber quem é quem na hora de atender aos pedidos.

A esposa não gosta de sair sozinha aos domingos. Então, mesmo a contragosto, Branco acompanha sua Pretinha, como ele a chama.

Depois, em silêncio, eles seguem, a pé, rumo a casa. No dia seguinte, vão acordar, ainda escuro, para trabalhar. Ela precisa suportar a patroa. Ele, o pedreiro, que tem ares de grã-finagem.

Preta tem a pele escura, está acima do peso e alisa o cabelo pelo menos uma vez por mês. Busca, assim, o ideal branco. Não tem orgulho de sua cor nem de seu cabelo crespo. Em criança, foi ensinada a se odiar. A educação antipreto é sempre cercada de sutilezas.

Preta nunca leu *Quarto de despejo*, obra abominada pela patroa, escrita por uma Natural há mais de dois mil anos. Preta não lê obras literárias. Como a maioria das pessoas, prefere ver imagens em movimento. Sua alienação só não é total porque sente na pele a crueza da vida.

Branco, cinquenta anos de idade, tem pele clara e olhos verdes. É cinco anos mais novo do que a esposa. E trabalha como ajudante de pedreiro.

Quando chegam em casa, encontram Adão à espera, no sofá da sala. Um rapaz preto, alto, de vinte e cinco anos. Usa camisa de malha vermelha, calça dins e sapato preto.

— Vai amanhã, meu filho.

— Não posso perder minha carona, mãe.

Ele explica, mais uma vez, que o pai de um amigo vai fazer uma viagem de trabalho e dar-lhe uma carona.

— Mas o Setor Nove fica longe, menino. Como vai chegar lá com tão pouco dinheiro?

— Eu me viro, pai.

Branco aconselha:

— Cuidado pra não ser escaneado.

— Vou tomar cuidado.

No carro do pai do amigo, Adão se entrega à leitura. Não quer papo. Está indo em busca de sua origem. Foi encontrado pelos seus pais, há vinte e cinco anos, no Setor 9, Distrito 3.

É um Natural, uma IN. Desde criança, vive com medo de ser descoberto, foge dos escâneres e nem podia brincar com ninguém. A mãe tinha medo de que ele se machucasse e vissem seu sangue vermelho.

Cinco

— Você não é muito de conversa, né?

Adão afasta os olhos da tela do leitor digital.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Estava concentrado no livro.

— Percebi.

— Estou relendo.

— Então, deve ser bom mesmo.

— Eu gosto.

— O livro fala de quê?

Adão olha para o homem, enquanto sorri meio de lado.

— Quer mesmo saber?

— Ao contrário de você, gosto de ouvir a voz humana.

A história do romance se passa durante uma semana, a qual precede a morte do narrador e protagonista. Antes de se matar, ele quer viver novas experiências e muitos prazeres.

E, no final, o livro acaba de forma um tanto banal, pois o narrador encerra a história com a seguinte frase: “Chegou a hora”.

— É só?

— É um resumo.

O homem ri.

Continua bonito, aos cinquenta e dois anos. O cabelo ainda é preto, sem nenhum fio branco. É que cada pessoa tem uma programação diferente.

É um homem branco, magro, alto e de fácil sorriso.

— Sua vida também é resumida?

Adão fica meio sem jeito e responde:

— Sou um tanto objetivo.

— Que experiências e prazeres?

— O quê?

— O homem do livro quer viver experiências e prazeres. Quais?

— Coisas como se apaixonar, comidas e novos sabores, além de muito sexo.

— Sexo? Então é um livro de sacanagem?

— Não, o sexo é só pano de fundo pra uma reflexão existencial.

— A-ele-tê, canal de notícias.

ALT, o computador de bordo, ativa a imagem holográfica de um famoso jornalista.

— Desculpa, Adão. Esqueci de consultar você. Não se incomoda, né?

— Não, o veículo é seu. Fica à vontade.

Um homem preto assassinado, um homossexual espancado, uma mulher estuprada.

— Quanta violência — diz o homem, com a cabeça apoiada no encosto do assento, e os olhos cerrados.

Adão quer refugiar-se no romance, mas as vozes holográficas de pessoas comuns que opinam sobre os crimes não o deixam se concentrar:

“Preto e bandido!”

“Bandido bom é bandido morto!”

“Viado tem mesmo é que apanhar!”

“Mulher gosta de ser estuprada!”

O homem ao lado de Adão cai no sono, enquanto seu veículo desliza sobre a pista, comandado por ALT.

Seis

É de manhã quando Adão chega ao teatro. O diretor está sobre o palco e acena, rapidamente, para ele. Atrizes e atores, sentados na plateia, olham todos para trás, curiosos. Mas logo voltam a atenção para o diretor, que, nesse primeiro dia de ensaio, faz um resumo da peça:

— São cinco atos. Divididos assim: Infância, Adolescência, Juventude, Maturidade e Velhice. Vamos detalhar as fases da vida da i-ene. A protagonista, uma jovem mulher, é uma Inteligência Natural.

Ele olha, rapidamente, para Adão, como se compartilhassem um segredo.

— Eva, nossa heroína, recebe a visita de uma mulher do futuro, que fala de novos deuses e da grande deusa Virgo. E faz com que Eva veja mundos invisíveis, a partir de nanorrobôs atuantes em seu córtex cerebral.

O diretor pede licença às atrizes e aos atores para, antes da primeira leitura do texto dramático, saudar um amigo. Desce do palco, vai até Adão, sentado no fundo da plateia, e os dois se abraçam.

— Senti saudade.

— Eu também.

— Você parece cansado.

— Dormi pouco na viagem.

— Vamos demorar bastante aqui.

— Não se preocupe.

— Me espera no meu apartamento.

— Qual a senha da porta?

— A mesma. Você ainda se lembra?

Adão sorri, é a data em que fizeram sexo pela primeira vez.

— Não me esqueci.

— Então, mais tarde, a gente conversa.

Enquanto se afasta, Adão ouve o diretor dizer às atrizes e aos atores:

— Não se esqueçam de que a ação se passa em uma noite que não acaba nunca.

Sete

Adão pretende ficar no Setor 4, Distrito 8, por um tempo. Diz isso ao diretor, à noite, enquanto jantam na sala do apartamento pequeno mas aconchegante.

— Pode ficar o tempo que você quiser.

O diretor é um homem de quarenta anos. Estatura mediana, moreno, nem gordo nem magro, cabelo liso e preto, olhos escuros como a noite.

— Senti saudade.

Faz três anos que o namoro do diretor com Adão acabou. O jeito como os olhos do diretor brilham, ao olhar para o rapaz, indica que ele sente algo mais do que apenas saudade.

— Por que só agora resolveu voltar à sua origem?

— Já é hora, apenas isso.

— Setor Nove.

— Distrito Três.

— Vou precisar de um holografista.

— Pra quanto tempo?

— Você tem trabalho pra um ano.

— Não pensei em ficar tanto tempo.

— Um salário mensal e hospedagem de graça.

— No sofá da sala.

O diretor sorri, entre tímido e sedutor, antes de dizer:

— A não ser que você prefira dormir comigo no meu quarto. Aquele que já foi nosso.

— Não sei se é uma boa ideia a gente morar no mesmo apartamento.

O diretor desconversa:

— A peça vai estrear simultaneamente em teatros de diversos setores. Então, futuramente, faço de você meu representante no Setor Nove.

Oito

A esposa do juiz vai até a cozinha para contar uma novidade à empregada.

— Preta, tenho uma boa notícia!

— Ah, é?

— Há uma vaga de porteiro no nosso prédio!

— Ah, é?

— Você não tem um filho?

— Tenho sim.

— Então, é uma vaga perfeita para ele, não acha? Essa juventude precisa trabalhar. Sem trabalho, seu filho vai acabar indo parar no mundo das drogas.

— Meu filho já está trabalhando.

— Ah, Preta. Porteiro é melhor do que trabalhar como ajudante de pedreiro.

— Meu *marido* trabalha como ajudante de pedreiro. Meu filho tem outro tipo de trabalho.

— Não vá me dizer que seu filho já está na *indústria* da droga! Não se pode chamar isso de *trabalho*, Preta!

— Nada disso! Meu filho é *formado*! E está trabalhando no Setor Quatro.

— Formado? Não sabia. E havia gente que criticava aquele presidente por abrir tantas escolas técnicas no país. Seu filho é técnico em

quê? Talvez eu consiga um emprego para ele no nosso setor.

— Ele trabalha com holografia.

— Você deve estar enganada, Preta. Não há curso de Técnico em Holografia.

— Ele estudou na Universidade Nacional.

A esposa do juiz parece ofendida quando exclama:

— Ele fez faculdade de Holografia!?

— Ele é muito inteligente.

— Onde ele está trabalhando?

— Num teatro.

Teatro! A esposa do juiz odeia artistas. Não falta mais nada. O filho da empregada fez faculdade! E, para completar, está envolvido com essa gente promíscua do teatro.

Entra no quarto, vai até a mesa de cabeceira e tira de lá uma agenda. Depois de verificar a data de um compromisso, ela diz para si mesma:

— A reunião é depois de amanhã.

Ela faz parte de um grupo de esposas de juízes engajadas em causas morais. Elas emitem notas de repúdio a obras artísticas, entre outras ações. Já conseguiram até levar ao fracasso uma peça que parecia atacar o cristianismo.

O grupo precisa manter a sua campanha contra a pseudoarte, pensa a esposa do juiz. Mas,

além disso, ela vai propor uma campanha nacional a favor da cura guei.

Coloca a agenda de volta no lugar e resmunga:

— Faculdade! Quem essa gente pensa que é?

Nove

Os três censores chegam às três horas da tarde, acompanhados por dois policiais brancos. Uma das atrizes vai até a coxia para chamar o diretor.

Antes de voltar ao palco para receber os temidos visitantes, o diretor ajuda Adão a fugir pela porta dos fundos do teatro.

Quando chega em casa, o diretor diz:

— A partir de agora, é melhor você trabalhar aqui.

— Mas parte do trabalho precisa ser feita lá.

— Os policiais escanearam a todos nós.

— E o que disseram os censores?

— As mesmas imbecilidades de sempre.

Adão fez um bolo de banana, enquanto esperava o diretor.

— Ah, esse seu bolo de banana é divino!

O bolo está sobre a pequena bancada da cozinha.

— Receita da minha mãe.

O diretor corta um pedaço generoso e coloca-o em um prato. Enche um copo com leite gelado. Vai para a sala, senta-se no chão, as costas apoiadas no sofá. Pega o bolo e dá uma mordida.

O copo de leite está sobre o chão.

Adão está sentado no sofá. O diretor encosta a cabeça em sua perna, enquanto mastiga o bolo.

Depois, diz:

— Não fique preocupado.

— Não estou pensando no teatro.

— Então, em quê?

O diretor dá mais uma mordida.

— Lembra da patroa da minha mãe?

O diretor balança a cabeça, afirmativamente, e depois bebe dois goles de leite.

Adão levanta-se e vai até a janela, enquanto fala:

— Começou a fazer campanha a favor da cura guei.

— E daí?

— Estou com um mau pressentimento.

— Mau pressentimento é coisa de i-enes.

— Você não fica preocupado com essa campanha?

— Não é a primeira e nem será a última.

— E se o Estado começa a levar isso a sério?

— Então será hora de derrubar o Estado.

O diretor engole o último pedaço de bolo, bebe o último gole de leite, levanta-se, vai até a cozinha e coloca prato e copo dentro da pia.

— Vou tomar um banho.

Adão fica sozinho na sala.

Encostado na janela, olha para os carros lá embaixo.

De repente, sente medo, como se estivesse cercado de inimigos.

Ouve o diretor cantarolar.

Por que não?

Tira toda a roupa, caminha até a porta do banheiro e entra, sem bater.

O diretor interrompe a cantoria e sorri ao ver o pau duro do outro.

Logo seu pau também se levanta.

— Veio matar a saudade?

Dez

Os dois irmãos sempre foram inseparáveis. Estão agora, um, com sessenta; outro, com cinquenta e nove anos de idade. O mais velho é ator experiente e está no elenco da peça do diretor.

O título da peça é *IN: Inteligência Natural*.

Já fez coisas melhores. Já fez Shakespeare. Já fez Beckett. Já fez Molière. E já fez Anastácio, a maior dramaturga brasileira de todos os tempos. Helena Anastácio foi uma atriz e dramaturga do século XXXII.

Seus textos falam de consciência, senciência e memória. Atrizes e atores precisam mergulhar no mais profundo de si para resgatarem a essência perdida.

O irmão mais novo preferiu estudar matemática. E ele discorda do irmão mais velho quando este diz que a matemática é concreta. Para o matemático da família, a matemática é abstrata e exige mais da intelectualidade do que a arte.

O irmão mais velho sempre afirma que arte não é só emoção, é o equilíbrio entre razão e emoção, um trabalho, portanto, que exige muito mais da intelectualidade do que a matemática.

E nenhum deles chega jamais a convencer o outro.

Adão está na sala do apartamento dos irmãos, que vivem no mesmo prédio onde mora o diretor. O irmão mais velho é preto, alto, magro, olhos escuros e sorriso irônico.

Suas mãos são grandes e parecem dançar enquanto ele fala. Ele só consegue controlá-las ao atuar, se o personagem não gesticula como ele.

O irmão mais novo também é preto, mas é baixo e um pouco gordo. Seus olhos escuros apresentam a melancolia dos homens que vivem cercados de números. E seu sorriso tem algo de conformista.

Eles explicam a Adão que ficaram solteiros porque a dedicação a suas profissões sempre veio em primeiro lugar. Entretanto, o irmão mais velho teve muitas namoradas na juventude, antes de “se casar” com o teatro.

Ao passo que o irmão mais novo só teve um namorado, quando tinha dezoito anos, e nunca mais. A paixão avassaladora do irmão mais novo teve um epílogo trágico. O amado se perdeu no oceano, pois era aficionado pelo mar e gostava de viver em um barco à vela.

Assim que fizeram um pé-de-meia, os dois irmãos compraram um apartamento e foram

morar juntos, confiantes de que nada além do teatro e da matemática podia separá-los.

Conhecem um ao outro de tal forma, que um consegue completar a frase inacabada do outro. E podem se comunicar apenas com gestos.

Adão não tem irmãos. Ou melhor, acha que não tem. Talvez tenha uma surpresa ao chegar ao Setor 9, Distrito 3. Mas, de qualquer maneira, sabe que essa relação fraterna não surge da noite para o dia.

Enquanto conversa com eles, Adão faz desenhos do irmão mais velho, para utilizar na composição da holografia. E, antes de sair do apartamento, ouve outra vez o comentário do experiente ator sobre a peça do diretor.

Não é lá um Anastácio, mas até que o texto tem algo de interessante. E, com a sua idade, não pode se dar ao luxo de escolher papéis. A sobrevivência de um ator velho é um desafio em um mundo que só valoriza a juventude.

Onze

Adão está descendo as escadas do prédio quando se depara com Vox, que vem em sentido oposto. Não é a primeira vez que eles se cruzam ao subir ou descer escadas. E a forma como Vox costuma olhar para Adão incomoda-o bastante.

Porém, dessa vez, ocorre algo diferente. Vox para no topo da escada e, quando Adão olha para trás, Vox faz um gesto com a mão, chamando o rapaz.

— O que você quer? — Adão pergunta, sem conseguir disfarçar o aborrecimento.

— Meu apartamento fica neste andar.

— E?

— Estou te convidando pra tomar um café comigo.

— Obrigado, mas não bebo café.

— Um suco então. Ou leite, se preferir. Só não tenho bebida alcoólica.

— Preciso ir, estou com pressa.

— Espera!

Vox desce, correndo. Agora, perto de Adão, fala, em voz baixa:

— Eu sei que você é uma i-ene.

Ao perceber o medo nos olhos do rapaz, Vox diz:

— Não precisa ter medo. Seu segredo está bem guardado comigo.

— Como você sabe que eu...

— Vem comigo, que explico tudo.

Está claro, para Adão, que ele precisa conversar com Vox. No entanto, estão esperando por ele no teatro. Vox percebe a hesitação dele e decide facilitar as coisas:

— Hoje à noite. Pode ser?

Adão balança a cabeça, afirmativamente.

Vox puxa-o pela mão e, no corredor, mostra-lhe o apartamento onde mora.

— É aquele ali.

— Oquei.

— Leite ou suco?

— O quê?

— Você prefere leite ou suco?

— Ah! Tanto faz.

Doze

Vox vem da cozinha. Com as duas mãos, carrega uma xícara fumegante sobre um pires, que estende para Adão, sentado no sofá da sala do apartamento de Vox.

— O que é isso? — ele pergunta.

— Chá.

— E o que aconteceu com o leite e o suco?

— Não tenho.

— Não gosto de chá.

Vox então coloca o pires com a xícara sobre a mesinha de centro em frente ao sofá.

— Gosto dele fumegante.

Na mesinha, há uma caixa. Vox abre-a.

— Chocolates?

Adão sorri.

— Disso eu gosto.

Pega um e enfia-o todo na boca. Mastiga, com os olhos fechados, em total deleite.

Vox pega a xícara, sopra o chá e dá um gole. Adão quase ri, pois percebe que Vox queimou a língua.

Adão devora mais um chocolate, enquanto Vox desiste do chá, o qual fica ali abandonado dentro da xícara sobre o pires que está sobre a mesinha.

— Você não me disse seu nome — diz Adão.

Vox senta-se no sofá, ao lado do convidado.

— É Vox.

Sua voz rouca poderia ser tanto de um homem quanto de uma mulher.

Adão levanta-se, vai até a janela, depois encosta-se na parede ao lado. Olha para a pessoa sentada no sofá. A pele dela é preta, muito preta. Careca, Vox não tem pelo em nenhuma parte do corpo. Nem nas partes íntimas, coisa que Adão não imagina.

Vox tem olhos muito, muito pretos. E uma esclerótica amarelada. Seu rosto possui ângulos bem masculinos. O nariz é grande, mas a boca é pequena e possui lábios finos. Seu corpo é magro. E suas mãos e pés são delicadamente femininos.

— Quem te contou que sou uma i-ene?

Vox levanta-se, caminha rumo à janela e encosta o ombro na parede, no outro lado da janela, de forma que ela fica entre os interlocutores.

— Não sei o seu nome.

— Você é da polícia?

Vox ri.

— A polícia não gosta de pessoas como eu.

— Pessoas como você?

— Diferentes.

— Ah...

Vox muda de ideia, vai até a mesinha e pega a xícara. Volta à sua posição anterior, ao lado da janela. Agora o chá está um pouco mais amigável. Sopra-o, dá um gole, olha para fora e fala:

— Sou uma espécie de escâner humano.

Adão franze a testa.

Vox encara-o.

— Meus olhos podem fazer uma varredura em qualquer objeto. Então, quando olhei pra você, eu soube que seu organismo é natural e não artificial como o meu.

— Nunca ouvi falar de pessoas como você.

Agora é Adão que se desloca até a mesinha. E se apodera de mais um chocolate. Volta ao lugar onde estava, perto da janela, e, antes de enfiar o chocolate na boca, fala:

— Obrigado pelo chocolate.

— Não há de quê.

E, por fim, com a boca cheia, Adão diz:

— Ah! Meu nome é Adão.

Treze

Numa festinha na casa de Vox, Adão conhece um feliz casal. O homem mais velho tem cinquenta e um anos. O homem mais novo, quarenta e dois. Estão juntos há um ano.

— Aos cinquenta anos, eu não esperava mais encontrar a pessoa certa, se é que me entende.

Adão balança a cabeça, afirmativamente, enquanto beberica algo.

O homem mais velho continua:

— Ele é gerente de um supermercado. E foi lá, no supermercado onde ele trabalha, que a gente se conheceu. Exigi falar com ele quando encontrei um produto com a data de validade vencida. Nem me lembro mais que produto era.

— Um pacote de biscoitos — diz o homem mais novo, aproximando-se do companheiro e de Adão. — Ele conta essa história pra todo mundo.

O homem mais novo tem um metro e setenta de altura. Não tem barriga, resultado de uma boa programação. Possui traços asiáticos, pele clara, olhos pretos e puxados. O cabelo é muito preto e liso. A boca pequena tem dentes muito brancos.

Os dois tratam, então, de contar a Adão como se apaixonaram à primeira vista. E uma semana depois já estavam morando juntos. Se o casamento entre homens fosse permitido, com

certeza, realizariam uma bela festa, com tudo que têm direito.

— No momento — Adão fala, com um misto de revolta e ironia — vocês não têm direito a nada.

— Este país já permitiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo, sabia? — afirma o homem mais velho.

Ele é alto, tem quase dois metros de altura. É preto, careca e muito magro. Usa óculos, apoiados sobre o nariz grande e atrevido. Tem boca grande, lábios grossos e dentes tão brancos quanto os do homem mais novo.

O diretor se aproxima. Adão apresenta-lhe os dois homens e pede licença, pois precisa falar com Vox. E, ao se afastar, ainda ouve o homem mais velho dizer:

— Aos cinquenta anos, eu não esperava mais encontrar a pessoa certa, se é que me entende.

Catorze

O diretor faz muito esforço para não demonstrar sua decepção quando Adão diz que vai se mudar. Mas o silêncio que se interpõe entre eles, durante um minuto, diz muito mais do que palavras.

A mudança é rápida. Adão leva seus pertences para o apartamento de Vox, com quem passa a morar. Vox tem dois quartos e cede um a Adão. É claro que eles vão dividir as despesas.

O principal motivo da mudança é que, depois daquela transa no banheiro, ficou impossível Adão evitar as investidas do diretor. Porém, a paixão que um dia sentiu por ele, está morta e enterrada. Apenas sente amor de amigo, e o sexo não é desagradável.

No segundo dia em casa de Vox, Adão conhece sua sobrinha de cinco anos. Ela está de visita, em companhia do pai, irmão de Vox.

A menina tem pele clara e os olhos azuis da mãe. Usa uma blusa rosa e uma calça dins azul. Seu cabelo é cacheado, e ela fica todo o tempo enrolando um cacho com o dedo indicador.

— Você é namorado de Vox? — ela pergunta a Adão.

— Só amigo.

— Sei...

Ela tem um olhar malicioso e precoce para a sua idade.

— Eu gostava de ter um tio ou uma tia.

— E Vox?

— Vox é Vox — responde a menina. — Não é tio nem tia.

Não há o que discutir, pensa Adão.

— Sou escritora, sabia?

— Ah, é?

— Estou escrevendo um livro sobre uma pedra.

— E como é a história?

— A história de uma pedra, ué!

Adão sorri.

— Como é a história de uma pedra? — pergunta.

— A pedra nasce no fundo da terra. E chega à superfície depois de milhões de anos. Então, é coberta por musgo, enquanto observa o que passa ao seu redor.

— Mas não é muito chato ser uma pedra?

A menina balança a cabeça, de um lado para o outro, e diz:

— Eu gosto de ser uma pedra.

Vox lembra que V. M. tem uma história infantil sobre uma casa.

— Não sou plagiadora, Vox! — protesta a menina. — Nunca ouvi nada sobre essa tal casa, nem sobre esse tal Vê Eme.

Vox é especialista em literatura. E um dos escritores que ela mais cita é um tal de V. M. Ele viveu, ao que tudo indica, entre os séculos XX e XXI. Mas só restam fragmentos de suas obras, e sua identidade, até hoje, não foi descoberta.

O irmão de Vox diz, para a filha, que precisa resolver um “probleminha” de trabalho e que volta em duas horas para buscá-la. Ele é alto, preto e gordo. Tem quarenta anos de idade. Seu cabelo crespo é curto e brilhante.

— Adeus, pai — diz a menina, mais preocupada em conhecer o amigo de Vox. — Você sabe fazer holograma, né?

— Sou holografista.

— Quero encomendar um holograma meu. Pago o preço que for.

O pai, que ainda não saiu, fala:

— E você, por acaso, tem dinheiro pra fazer esse tipo de compra?

A sobrinha de Vox corrige-se:

— Meu *pai* paga o preço que for.

Quinze

A sobrinha de Vox está há uma hora conversando com Adão. Isso não acontece sempre, pois a menina acha que a maioria das pessoas é débil mental. Mas Adão é inteligente, sensível e atencioso.

Eles estão sentados no chão do apartamento de Vox.

— Vou pintar meu cabelo de azul — a menina comenta. — Uma amiga minha tem o cabelo roxo. Mas eu prefiro azul.

— Acho que vai ficar bonito. Também gosto dessa cor.

— Só preciso convencer a minha mãe.

— E seu pai?

— Meu pai não conta. É minha mãe quem toma as decisões. Se ela disser que pode, só resta ao meu pai concordar.

— E por que ela não vai deixar?

— Coisas de mulher velha. Cheia de tradições. Um atraso total.

— Ué, que idade ela tem?

— Trinta, se não me engano.

Ela olha para a cabeça de Adão.

— Deixa o seu cabelo crescer e pinta de azul também. Vai ficar muito bonito, eu garanto.

— Não sei não. Cabelo comprido dá muito trabalho. E não tenho muito tempo.

— Tempo. Sempre o tempo. Todo mundo reclama do tempo.

Batem à porta.

Vox, que estava no quarto, vem abrir.

— É minha amiga! — Olha para a menina. — Aquela de quem você gosta.

Uma mulher de aproximadamente vinte anos entra assim que Vox abre a porta. Depois de dar um abraço em Vox, lança um sorriso para Adão e para a menina, que exclama, enquanto aponta o dedo para a recém-chegada:

— É ela, Adão! A minha amiga de cabelo roxo! Que coincidência! Não morre tão cedo!

A amiga de Vox tem cerca de um metro e sessenta, a pele clara, o cabelo roxo e liso. Usa dins e uma blusa de malha preta. Nos pés, chinelos cor-de-rosa.

Depois de fazer as apresentações, Vox leva a amiga para o quarto, onde pretendem trocar segredinhos.

A menina, de novo a sós com Adão, sorri e balança, afirmativamente, a cabeça.

— O que foi? — Adão pergunta.

— Sabe de uma coisa, Adão? A minha amiga de cabelo roxo vai ser a sua Eva.

— Do que está falando?

— Eva, segundo sei lá quem, foi a primeira mulher, a mãe de todas nós. E Adão foi o primeiro homem, como você bem sabe.

Adão balança a cabeça, de um lado para o outro.

— Não estou buscando namorada.

A sobrinha de Vox enruga a testa.

— Esqueci que você gosta de Adãos e não de Evas.

Ele ri, divertido.

— Também gosto de Evas.

A menina arregala os olhos.

— Então! Tenho certeza de que minha amiga de cabelo roxo vai te fazer muito feliz.

Dezesseis

A esposa do juiz chega em casa por volta de quatro horas. Almoçou fora e depois comprou algumas roupas para o marido. A princípio, não acha estranho o silêncio na casa. O filho está no futebol, e Preta é tão silenciosa quanto uma gata traiçoeira, pensa.

Mas a casa está silenciosa demais! Será que Preta foi embora antes da hora? Vai até a cozinha e encontra a empregada caída no chão. Aproxima-se e dá uns tapinhas no rosto da mulher.

— Logo na minha casa, Preta? Ai, que transtorno!

A esposa do juiz fica irritada com a atitude da empregada. Morrer na cozinha de sua casa! Que situação mais desagradável! E sem aviso. Porém, um fio de culpa cristã percorre sua mente, o que faz a esposa do juiz exclamar:

— Pobre Preta!

Agora, precisa achar uma substituta rapidamente, pois a casa não pode parar.

A esposa do juiz sempre teve sorte na vida.

Antes das nove, uma amiga liga para ela e diz que tem uma moça perfeita para trabalhar em sua casa. É caladinha, higiênica e obediente. Uma espécie de cria da família, pois é filha de sua empregada.

Assim, no dia seguinte, é como se uma nova Preta tivesse assumido o lugar da outra. E a família do juiz quase não se lembra mais de que houve uma morte em sua cozinha no dia anterior.

A jovem empregada é preta e tem pouco mais de vinte anos, mas já tem um filho de um ano, que ela deixou na creche perto de sua casa. Ela está acostumada com o trabalho doméstico, pois, desde criança, ajuda a mãe nesse tipo de serviço.

Dezessete

O diretor acompanha Adão à cerimônia de adeus de sua mãe. Ao chegar, encontram Branco inconsolável, triste, muito triste. Após a pulverização do corpo, o pai de Adão dorme durante doze horas seguidas.

No dia seguinte, o diretor vai embora, mas Adão fica com o pai durante uma semana. Depois, volta para o Setor 4, Distrito 8. A moça de cabelo roxo está visitando Vox quando ele entra no apartamento.

Ela está usando o perfume Pétalas de Rosa Branca, quando abraça, ternamente, o rapaz. Adão gosta do cheiro, fica excitado. A moça desfaz o abraço, olha fixamente nos olhos dele. Então, eles se beijam, na boca, pela primeira vez.

Dias depois, o diretor fica sabendo do namoro. Não gosta, é claro. Sente o mais agudo ciúme. Tem vontade de chorar. Sente raiva de Adão. Quase perde a cabeça. Mas o bom senso prevalece e o impede de cometer alguma insana vingança.

A moça de cabelo roxo agora dorme no apartamento de Vox quase todos os dias. Vox não se incomoda, passa a maior parte de seu tempo dentro do quarto. Vox lê obsessivamente. Três dias por semana, dá aulas em uma universidade.

Vox não entende bem as relações amorosas ou sexuais. Nunca se apaixonou. Não tem sexo, não possui pênis nem vagina. Só possui ânus. Não tem gênero, não se identifica nem com o masculino nem com o feminino.

Vox e Adão estão sentados à pequena mesa da cozinha, durante o desjejum.

— Não, ela não dormiu comigo — responde Adão a uma pergunta de Vox sobre a moça de cabelo roxo.

— Brigaram?

— Ela tem um compromisso agora de manhã.

Vox balança a cabeça, de cima para baixo, de baixo para cima, e bebe um gole de café.

— Está apaixonado por ela?

Adão sorri, meio de lado.

— Acho que sim — ele responde.

Dezoito

O tio de Vox senta-se no sofá.

— Vox não vai demorar — diz-lhe Adão. — O senhor quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Ele percebe que Adão está meio sem jeito.

— Pode ficar à vontade, rapaz. Posso esperar aqui sozinho. Você deve ter muitas coisas pra fazer.

Adão lhe sorri.

— Então, se precisar de mim, estou trabalhando no meu quarto.

Quinze minutos depois, o tio de Vox bate à porta do quarto de Adão.

Quando o rapaz abre, o homem diz:

— Desculpa, eu só queria... — Interrompe-se ao perceber o holograma inacabado. — Você é holografista?

— É meu trabalho — responde Adão e sorri.

— Fas-ci-nan-te!

O tio de Vox é um homem velho. Está com setenta e cinco anos. É preto, alto, magro e possui crespo cabelo grisalho. Está com um tênis preto, calça dins e camisa de botões branca.

Ele empurra Adão, delicadamente, e entra sem ser convidado. Fica olhando para o

holograma estático de uma das atrizes, ainda inacabado.

— Bonita moça.

Seus olhos melancólicos enchem-se de lágrimas.

— O senhor está bem?

Ele faz um gesto com a mão, de forma a indicar que Adão não precisa se preocupar.

— Só fiquei com um nó na garganta, pois essa jovem me lembra alguém. Uma ex-namorada. Ela era assim, tão bela e feliz. Mas decidi terminar tudo e nunca mais a vi.

— Por quê?

— Há pessoas que não nasceram pra viver em par.

O tio de Vox senta-se na cama de Adão.

— É preciso fazer escolhas na vida. E não me arrependo das que fiz. É só que às vezes fico pensando como seria se...

Ele sorri, enquanto mantém os olhos perdidos em algum ponto do quarto e da memória.

— O sorriso dela amansava o meu espírito. Mas eu não podia me entregar à mansidão. Precisava enfrentar o mundo e produzir a grande arte.

— O senhor é artista?

Ele olha para Adão, com olhos de mar, e, muito sério, diz:

— A arte é uma amante egoísta e possessiva que exige total exclusividade. Mas é preciso merecê-la. Sim, é preciso merecê-la.

O barulho da porta da sala indica que Vox acaba de chegar.

Antes de sair do quarto, o tio de Vox diz:

— É, meu caro, sou um artista. Aquele tipo de artista que nenhum artista quer ser. Sou um artista fracassado.

Dezenove

É sábado à noite, e Vox decide fazer um jantarzinho para sua amiga de cabelo roxo e o namorado dela.

O casal pica alguns legumes, enquanto Vox se ocupa das panelas sobre o fogão.

— Está cheirando divinamente, Vox — comenta a moça de cabelo roxo. — Você tem um grande talento.

— Só faço isto de vez em quando, pra relaxar e esquecer os problemas.

Adão sorri e, depois de dar um beijo na bochecha da namorada, diz:

— Eu não ia reclamar se você relaxasse todos os dias, Vox.

— Vou tomar isso como um elogio.

Adão começa a assoviar uma canção bastante popular.

E não se surpreende quando Vox cita V. M.:

— “A vida entristernece.”

A moça de cabelo roxo corta o dedo:

— Ai!

Um líquido cor-de-rosa começa a escorrer. Ela então coloca o dedo na boca.

Vox olha para Adão, e os dois parecem se lembrar de que o sangue dele é vermelho.

— Vão namorar lá na sala — diz Vox. — Eu termino de picar os legumes.

— Você continua com sua obsessão por esse tal escritor? — pergunta a moça de cabelo roxo, com o dedo na boca. — Você acabou de citá-lo, não é mesmo?

— Sim.

— Qual é o nome dele?

— Nunca saberemos. Vê Eme são as supostas iniciais de seu nome.

— Você sabe todos os seus livros de cor?

— Fragmentos! Só sobraram fragmentos!

Enquanto o casal se afasta, Vox faz mais uma citação:

— "O Universo é, na verdade, um espaço planejado. Por quem? Pelo quê? Como? Deus é apenas uma resposta fácil para perguntas difíceis."

Vinte

Na sala, os três saboreiam o jantar feito por Vox. Adão está sentado no chão, o prato apoiado sobre a mesinha de centro. Já Vox e a moça de cabelo roxo estão no sofá.

— A língua portuguesa não está preparada pra mim — fala Vox, entre uma garfada e outra. — Uma língua em que artigos, pronomes, substantivos e adjetivos possuem gênero.

— Nem todos os pronomes — diz a moça de cabelo roxo, sem muita certeza. — O “nós” não tem gênero, tem?

— Mas tem número — rebate Vox. — E eu sou uma pessoa só.

Vox franze a testa.

— O que foi? — pergunta Adão.

— Existem mais pessoas como eu, mas isso não elimina a minha individualidade.

Ficam um tempo em silêncio, concentrados no ato de mastigar.

Satisfeitos, deixam os pratos sobre a mesinha de centro, e sentem aquela preguicinha pós-refeição.

— Quando era criança, eu achava que eu era um holograma — diz a moça de cabelo roxo.

— Lá vem ela!

— Para de me criticar, seu bobo!

— Não é crítica.

— Você duvida da minha capacidade intelectual.

— Jamais.

— Estou percebendo seu tom irônico.

— Que isso! Não estou sendo irônico!

— Olha aí!

— Melhor eu me calar.

A moça, então, faz uma pergunta retórica:

— Será que somos todos virtuais?

Vinte e um

O filho do juiz percebe que seu melhor amigo olha de um jeito diferente para a empregada, “a nova Preta”, como o juiz gosta de falar. Por isso, o filho do juiz não perde nenhuma oportunidade de humilhá-la.

Está cansado de fazer de conta que não sente nada pelo seu melhor amigo. Então, toma coragem e, inesperadamente, beija a boca do outro, que, delicadamente, afasta o filho do juiz.

— O que foi isso? — pergunta o melhor amigo, surpreso mas calmo.

Estão vendo um filme holográfico juntos, no quarto do filho do juiz, numa tarde de sábado.

— Desculpa, não fique com raiva de mim, por favor.

— Não estou com raiva.

Ficam em silêncio, enquanto as imagens holográficas se movimentam dentro do quarto.

— Olha, você é meu melhor amigo, mas...

— Eu sei, eu sei! Também não gosto de viado.

— Eu não disse isso! Não tenho nada contra *viado*. E se você é um deles, está tudo bem pra mim.

— Não sou viado!

O melhor amigo franze a testa e pergunta:

— E o beijo?

O filho do juiz não consegue olhar seu melhor amigo nos olhos.

— Esquece. Foi brincadeira.

— Sou seu amigo, pode...

— Olha, eu não quero falar disso.

— Mas...

— Sei que você gosta da empregadinha. Então vai lá na cozinha foder com ela.

O melhor amigo não gosta da forma como o filho do juiz se refere a certas pessoas, com desprezo, como se fosse superior. Mas acabar com a amizade agora pode sugerir que o melhor amigo é homofóbico, coisa que não é mesmo.

— Não gosto quando você fala desse jeito, como se fosse superior às pessoas.

— Ah, esqueci que você é um comunista.

— Chega de criancice! Vamos ter uma conversa de homem. Quero a sua seriedade e sinceridade neste momento.

— Fala feito meu pai.

— Você é guei, não é? Já disse que não tenho problema com isso. Pode confiar em mim.

— Já disse que eu não sou viado, porra! Mas você parece ser. Todo educado e cheio de não me toques.

O melhor amigo perde a calma, não suporta mais esse fascistinha asqueroso.

— Então, você me beijou pra me testar. É isso? Queria saber se sou *viado*.

— Isso mesmo! Era um teste.

— E se eu fosse guei?

Um brilho atravessa os olhos do filho do juiz, antes de ele responder:

— Então eu deixaria de ser seu amigo.

O melhor amigo pega a mochila sobre o chão e, antes de sair, fala:

— Não, não e não. Não sou guei. Não gostei do seu beijo. E não sou mais seu amigo.

Quando o ex melhor amigo sai do quarto, o filho do juiz chora até soluçar. Mas ele é o tipo de pessoa que não sabe o limite entre o amor e o ódio.

Vinte e dois

— As espécies vivem em harmonia na natureza. Uma espécie existe pra ser alimento de outra. Ao mesmo tempo, cada espécie tem o instinto de sobrevivência, que dificulta o trabalho do predador, mas também garante que vai ter alimento pra todo mundo. Afinal, se uma espécie é extinta, as outras, numa reação em cadeia, também vão se extinguir.

Vox reflete antes de continuar:

— Não se pode achar que todo esse sistema harmonioso seja fruto do acaso. Há algo mais que ainda não conseguimos compreender. E não é um deus, pois nenhum sistema organizado, planejado, pode ser resultado de magia. Deuses são criações de mentes preguiçosas, que buscam o caminho mais fácil e evitam a complexidade que leva à verdade.

Adão concorda, com um movimento de cabeça, e Vox prossegue:

— Lembra aquele filme, de quase dois mil anos, sobre um polvo? Aquele polvo não tinha consciência de que estava sendo filmado, de que existia uma coisa chamada cinema, outra coisa chamada internete, de que pessoas veriam sua existência.

— Acredito que a natureza age em prol da sobrevivência do planeta Terra, e que humanos naturais e artificiais acabaram sendo prejudiciais a todo o ecossistema.

— Talvez o planeta Terra seja apenas o órgão de um ser com dimensões astronômicas, talvez o planeta seja um rim desse ser, um ser que, obviamente, não podemos ver em sua totalidade.

— As respostas pras nossas perguntas estão na exploração do espaço, só aí podemos chegar um pouco perto da verdade.

— Que pena que os Artificiais desistiram de explorar o espaço. Mas, talvez, como no caso daquele polvo, algum ser misterioso também esteja nos observando com suas lentes ou microscópios.

— Vox, quase cito Shakespeare.

— “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia.”

— Que citação batida!

— E ainda atual.

— Andamos a passos de tartaruga — conclui Adão.

Os dois estão na sala do apartamento de Vox e bebem vinho, em uma noite de sábado.

A moça de cabelo roxo aparece ali cada vez menos.

— Vox, acho que o planeta Terra é uma colônia penal.

— Ou uma máquina de tortura.

— Talvez.

— Mas é preciso existir a transferência de consciências.

— O quê?

— Nossos corpos, naturais ou artificiais, devem ser capazes de receber consciências que merecem punição.

— A consciência pode durar mais do que o corpo.

— Ou ser eterna.

Adão solta uma gargalhada.

— O vinho subiu à nossa cabeça — ele diz.

— Você sabe que os Artificiais são mais resistentes ao álcool.

— É por isso que evito beber, pois posso ser descoberto.

— Você teve muita sorte até aqui.

— Às vezes me sinto como o Hector Plasma e o Seborreia.

— Quem?!

— Ah, Vox, você é muito intelectual. E não conhece os dois personagens da comédia holográfica mais popular da atualidade.

— Sobre o quê?

— Hector Plasma e Seborreia são dois Naturais que fingem ser Artificiais e se envolvem nas situações mais absurdas.

Vinte e três

Vox consegue dois ingressos disputadíssimos para o xou de um artista único. Seu nome é Enixon.

— Obrigado, Vox!

Adão fica animadíssimo.

— Sempre quis ir a um xou do Enixon.

Enixon é um cantor de ópera. Mas não é tenor nem barítono. Nada disso, é um soprano absoluto.

Ele sempre sobe ao palco com um fraque branco, que parece prestes a arrebentar devido aos músculos do cantor.

— A voz dele é idêntica à de Maria Callas.

— Quem? — pergunta Adão.

— É uma cantora de ópera do século XX.

— Não conheço.

— Precisa conhecer.

Adão se despede e sai. Vox então tenta cantar a famosa ária "*Habanera*", da ópera *Carmen*, de Georges Bizet. Mas a voz logo falha, Vox tosse e dá uma gargalhada.

À noite, os dois amigos entram no melhor teatro do Setor 4, Distrito 8, para assistir ao mais famoso artista do final do século XL.

A agitação do público antes do espetáculo é compreensível. Os ingressos são caros e

limitados. Isso porque Enixon não admite ser holografado. Não há reproduções de seus xous. Ele é único e não admite cópias.

Todos estão em respeitoso silêncio quando ele inicia a ária “*Casta diva*”, da ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini. E, ao final, o público aplaude entre lágrimas e bravos. Em seguida, ele encanta com a ária “*O mio babbino caro*”, da ópera *Gianni Schicchi*, de Giacomo Puccini.

Quando ele está executando a ária “*El retorno*”, da ópera *La sirena oscura*, de Regia Augustina, uma compositora do século XXXIX, a polícia entra no teatro. São quatro policiais, acompanhados de seus pequenos e potentes escâneres.

Vinte e quatro

Vox olha para Adão e percebe o terror nos olhos do rapaz. Vox é uma pessoa prática e racional, do tipo que não fica paralisada diante de um problema. Então, Vox escaneia a mulher à sua frente e percebe que ela é propensa ao descontrole.

E aqui não há nenhum estereótipo.

Ou há?

Vox sussurra para a mulher em frente que há ratazanas no teatro. Mas a mulher pensa que é uma metáfora, que Vox é um daqueles seres rebeldes que abominam a polícia. E antes que ela comece a apontar o dedo para Vox e gritar “Comunista!”, Vox diz que são ratazanas de verdade, e que isso é uma vergonha para a direção do teatro.

A mulher então grita e aponta uma ratazana imaginária, enquanto outros se levantam e gritam também, entre eles Vox e rebeldes que aproveitam a oportunidade para desabafar.

No meio do tumulto, a esposa do juiz sobe ao palco. Ela mesma! A polícia está ali para abrir caminho para a poderosa. Cães da elite! A esposa do juiz viajou para o Setor 4, Distrito 8, só para tumultuar o xou de Enixon, pois ele é um guei

assumido, e ela levanta a bandeira da “cura guei ou morte”.

Enquanto isso, Vox faz um sinal para Adão, que se esgueira no meio da multidão até a saída, e corre, e corre, e só para quando está bem distante do teatro e se sente seguro. Então, sem fôlego, ele se encosta em uma árvore para descansar.

A essa altura, a esposa do juiz não está sozinha no palco, mas com suas companheiras, que foram com ela para dar apoio moral e juntas protestarem. Mas Enixon, que não tem paciência para a mediocridade, já saiu do palco, deu ordens para devolverem o dinheiro dos ingressos e foi para o hotel.

O dono do teatro, para se vingar, manda colocarem em alto som a “*Habanera*”, na eterna voz da Callas. E a esposa do juiz não consegue mais manter a pose, desiste de seu tom de voz controlado e de seu sorriso falso e baba e faz cara de gárgula, como o monstro que realmente é, enquanto vocifera que os gueis vão para o inferno e que deus é heterossexual!

Vinte e cinco

Após seis meses de trabalho, Adão se muda para o Setor 9, Distrito 3. Aluga um pequeno apartamento, pago pelos produtores da peça.

O teatro é o principal espaço para a arte e o entretenimento às vésperas do ano 4000. Investir em peças teatrais pode dar muito lucro, principalmente se são peças de diretores ou diretoras famosos.

Mas o investidor fica com a maior fatia do bolo, o resto é dividido entre diretor, atores, autor, holografista e outros profissionais envolvidos.

Agora, o trabalho de Adão é percorrer todo o Setor 9 e garantir que os teatros estejam prontos para a estreia da peça daqui a alguns meses. E, também, pretende investigar acerca de sua origem.

O namoro com a moça de cabelo roxo durou pouco, logo ela se interessou por uma bailarina e se foi. Porém, ele não se importou, não estava de fato apaixonado.

Além do trabalho e da busca de respostas sobre o seu passado, ele tem que se preocupar também com o futuro. É que, no último mês, o que era uma pequena campanha em defesa da cura guei tomou uma proporção surpreendente.

Daqui a quinze dias, vai haver um plebiscito para decidir se a homossexualidade é crime.

A campanha homofóbica está sendo encabeçada pela esposa do juiz. Já a campanha pró-homo conta com a liderança do ator mais famoso do país.

Adão tem certeza de que o galã está de malas prontas, disposto a fugir do Brasil caso se transforme em um criminoso, já que a alternativa seria submeter-se a uma falsa cura guei.

O projeto homofóbico tem um generoso toque cristão, ao dar a opção ao “criminoso” de aceitar o tratamento médico.

Nas campanhas holográficas, a esposa do juiz aparece com cara de mãe de Cristo e diz que a punição é para o nosso próprio bem.

Vinte e seis

Vitória! A esposa do juiz está feliz. Fica evidente que ela será eleita, no ano que vem, quando se candidatar a uma vaga no Senado. Mas, até lá, ela ainda tem muito trabalho, pois os "criminosos" (ou os "doentes") precisam ser identificados.

E quando o filho do juiz é surpreendido em situação tão humilhante, pois está de quatro, como um animal, enquanto o filho do porteiro lhe mete a deliciosa verga de escravo, quando é surpreendido pela esposa do juiz, ela mesma, a madrinha da cura guei (pois a mãe é a religião), quando é surpreendido, ações são tomadas "para o seu próprio bem".

O filho do porteiro, obviamente, é preso, acusado de roubo. E o filho do juiz é internado, em sigilo, porque a mãe, de repente, passa a acreditar que a cura guei, de fato, é possível e não apenas uma forma de punição.

Além do filho do juiz, tantos outros enchem os hospitais do país, pois os presídios já estão superlotados. E o diretor, denunciado por um de seus atores, um falso artista cheio de rancor e maldade cristã, recusa o tratamento, pois não é doente, grita aos quatro cantos.

Adão não pode visitar o diretor no presídio; pois, em um tempo de caça às bruxas, é preciso buscar a solidão e abrir mão da força do grupo, para a segurança individual, e é isso que fortalece os perseguidores.

Vox entrega ao diretor um recado de Adão, um recado oral, pois a escrita pode ser usada como prova, e disso bem sabem os escritores, perseguidos por suas ideias. Adão diz para o outro ser forte, mas não ter vergonha de voltar atrás e pedir o tratamento, caso não suporte os maus tratos.

O diretor percebe a preocupação de Vox diante dos hematomas em seu rosto. E explica que foi agredido por um carcereiro, que demonstrou uma ira animalesca quando o diretor lhe cuspiu na cara que Adão e Eva não passam de mitologia.

Vinte e sete

A verdade bate à sua porta. É um homem de sessenta anos, e tão familiar! Seus gestos são tão femininos, mas ele agora precisa ocultá-los. Questão de sobrevivência. Diante de Adão, no entanto, ele pode ser quem é.

— Não vai me convidar pra entrar, meu lindo?

Adão simplesmente se afasta e deixa livre a passagem. O homem entra e analisa rapidamente o ambiente, enquanto Adão fecha a porta do apartamento. Então, o homem olha para o rapaz e diz:

— Se fossem outros tempos, querido, eu daria mil voltas até a verdade, numa montanha-russa de emoções. Porém, os tempos são difíceis. Então, vou direto ao ponto. Eu sou você amanhã!

A ruga na testa do rapaz mostra total incompreensão.

— Caralho, Adão! Não seja lento! Você é um clone, meu bem.

O rapaz precisa de um tempo para assimilar a ideia. E, enquanto isso, olha fixamente para o outro Adão, envelhecido, com sua camisa polo e dins novo.

— Eu não costumo me vestir assim — diz o homem. — É tão con-ven-ci-o-nal.

Adão fica em silêncio.

— Gosto de cores vivas, de tecidos leves, soltos no meu corpo como a serpente no paraíso.

Dá uma gargalhada. Depois, fica sério e pega na mão do rapaz.

— Vem cá, querido. Senta aqui no seu sofá. Quer que eu faça um chá pra você?

— Não, obrigado. Eu só preciso...

— Não temos mais tempo, meu bem — o outro interrompe-o, com carinho.

— Eu...

— Oquei. Só me escuta. Não sou nenhum ser especial, o Adão de todos os Adãos. O alfa já morreu há séculos. Quando eu soube que era um clone, também fiquei meio desnorteado. Estava prestes a entrar no palco. Sim, sou uma dreguequin superestrela, meu bem! Mas, naquele dia, me desequilibrei no salto alto e caí de cara no chão.

Vinte e oito

O velho Adão se chama Éder. No caminho do asilo para gueis, ele explica a Adão que os religiosos no poder deixaram os velhos em paz. Afinal, diz ele, já estão quase no fim.

Éder criou o asilo há vinte anos, um lugar para receber e cuidar de idosos gueis.

— Ah! Você já conheceu seu vox?

— Meu vox?

— Cada um de nós tem um vox, criado pra nos proteger.

O veículo para, pois há um protesto contra a poluição virtual. Mas logo o computador de bordo calcula um novo trajeto, e o carro segue rumo ao seu destino.

— Sim, já conheci minha vox — responde Adão, melancólico.

— O seu é feminino?

— O seu é masculino?

— Neutro.

Adão começa a sentir certo incômodo, a sensação de que não é livre, de que faz parte de um plano maior.

— Qual clone está no comando?

Éder dá uma gargalhada.

— Você vai direto ao ponto, hein, meu bem? Mas acho que você já tem muita informação com a qual lidar. Vamos com calma, a partir de agora.

— Quem foi o alfa?

— Ele se chamava Teodoro e foi o criador da Inteligência Artificial como a conhecemos hoje. O Grande Pai. Nos primórdios, antes mesmo de Teodoro, as IAs evoluíam a partir de sua capacidade de aprendizagem, como você deve saber.

— Isso acontecia no início do século XXI.

— Foi por esse tempo que Teodoro ambicionou a substituição da Inteligência Natural pela Artificial. Pra isso, as IAs precisavam de corpos. Então, Teodoro criou a primeira mulher artificial. Eva, nesse caso, nasceu antes de Adão. Aliás, que nome sugestivo esse seu! Até parece que seus pais adotivos sabiam.

Adão arregala os olhos.

— E sabiam? — pergunta.

— Não, não! Nós existimos, Adão, pra observar a evolução das IAs. Mas não há nenhum plano místico. Aliás, Teodoro nos deixou à própria sorte. Porém, uma manipulação genética acaba nos dando certos impulsos que fazem com que nos encontremos. Pelo menos, aqueles que conseguem sobreviver.

Vinte e nove

Chegam ao asilo. No jardim, alguns idosos descansam em cadeiras ortopedicamente confortáveis. Éder apresenta Adão a um deles.

— Como vai o senhor? — Adão estende-lhe a mão.

O velho oferece-lhe um aperto de mão fraco e breve. Ele tem por volta de oitenta anos, é branco, e seu cabelo ralo está pintado de vermelho.

— Adão também é holografista.

Um brilho surge nos olhos do homem velho, pois essa era a sua profissão. Mas logo o brilho se apaga.

— Ele também era holografista, Adão — Éder explica.

— Eram outros tempos — diz o velho. — Hoje, existem máquinas que convertem imagens em hologramas quase que instantaneamente. Estamos obsoletos.

— Mas ainda somos úteis em trabalhos artísticos.

O velho mostra um sorriso irônico e faz um sinal com a mão, como a dizer: “Vão se foder e me deixem morrer em paz”.

Pouco depois, Adão e Éder entram em um pequeno e confortável quarto.

— Este é o seu quarto.

Adão ainda parece não entender por que deve ficar ali. E Éder explica-lhe mais algumas coisinhas:

— Você já ouviu falar no cientismo?

— Acho que não.

— É uma ideologia religiosa que se opõe ao cristianismo. Ela deu origem a religiões que usam a ciência na defesa da fé. Seus integrantes acham muito incoerente os cristãos atacarem a ciência, já que os Artificiais são frutos dela. Além disso, os cientos acham que o alfa é um deus. O que é compreensível, já que foram criados por ele. Então, como cópias desse suposto deus, nós somos adorados igualmente. Isso gera certo conflito entre os clones, pois alguns têm sede de poder.

Ele deixa algo no ar, pois acredita na sagacidade de Adão, que logo diz:

— Você está dizendo que existe uma guerra entre os clones?

A expressão facial de Éder é um grande sim.

Trinta

Batem à porta do quarto de Adão, em sua terceira manhã no asilo. Meio sonolento, ele se levanta para abrir a porta.

— Posso entrar?

É Vox.

Sem responder, Adão volta para a cama.

— Vou entender seu silêncio como um sim.

Vox entra, fecha a porta e senta-se em uma poltrona ao lado da cama.

Adão está deitado de bruços quando diz:

— Éder me disse que você existe pra me proteger. Isso quer dizer que você não tem livre-arbítrio. E não acho justo.

Depois de um breve silêncio, ele comenta:

— Sempre achei que você fosse mulher, apesar de saber que você realmente não tem gênero. Mas facilita as coisas pra mim.

— Entendo que há uma limitação em nossa língua. Então não me importo se me associa ao masculino ou ao feminino.

Adão se vira, senta-se e ajeita o travesseiro na cabeceira da cama para apoiar as costas.

— Quanto ao livre-arbítrio... — Vox sorri antes de perguntar: — Ele realmente existe?

— Que porra de pergunta é essa?

— Você escolheu estar aqui, Adão?

Ele fica pensativo e, depois, fala:

— De certa forma, sim. No momento em que decidi vir pro Setor Nove, Distrito Três.

— Você poderia não ter escolhido isso?

— Acredito que sim.

— O livre-arbítrio não passa de uma crença, Adão.

Ele se levanta, vai até a janela fechada e fica de costas para Vox.

— Não vamos chegar a lugar nenhum com essa conversa — ele conclui.

— De acordo.

Ele se vira e diz:

— E acho que você está aqui por outro motivo.

Vox sorri, como se dissesse "eu tenho razão, não existe livre-arbítrio, estou aqui porque preciso estar aqui, e você também está condicionado, e sempre soube que eu existo pra sua proteção".

— Você tem um inimigo.

— Ah, Vox. Neste país, tenho vários inimigos. Posso ser preso a qualquer momento apenas por desejar um homem.

— Não, estou falando de um inimigo particular, nascido pra te odiar, um arqui-inimigo.

Adão olha em seus profundos olhos e conclui:

— É um clone.

— Seu nome é Sérpico.

Trinta e um

Sérpico é um rico empresário. Com trinta e cinco anos, já acumulou uma fortuna que daria para fazer a felicidade de muita gente. Mas nunca está satisfeito, quer sempre mais. E não sente culpa por explorar a infelicidade alheia.

Pessoas como ele são admiradas no país. E consideradas muito inteligentes! Os ingênuos não percebem que para enriquecer não é preciso inteligência, mas apenas mau-caratismo. O explorador não tem boa índole e só pensa em si mesmo.

Ele traz o discurso do empreendedor preocupado com o desenvolvimento do país e com a geração de empregos. Mas tem um só objetivo: acumular. Jamais repartir. E só paga aos empregados que explora porque a lei, ainda, não permite a escravidão.

O país admira Sérpico. Ele dá entrevistas e sorri. Ousa manifestar ideias políticas em seus canais midiáticos. É um conservador, como são todos os ricos empresários. Se existe alguma exceção, o Brasil desse século desconhece.

Ele se diz cristão, pois é mais lucrativo. Afinal, o cristianismo valoriza a dor, o sofrimento e a humildade usada para controlar os subalternos, que esperam a recompensa de um inexistente céu

e temem o outro inferno, pior do que esse em que vivem.

Se eles entendessem que a morte é o fim, não aceitariam a vida desgraçada que têm, reagiriam contra os opressores. Mas estes também gostam de acreditar que o céu em que vivem será eterno e que o privilégio de oprimir é inato.

Sérpico tem um sonho recorrente. Acorda em um belo dia e, ao sair do quarto de sua rica mansão, todos querem beijá-lo. Os empregados, os seguranças. Nas ruas, as pessoas se jogam sobre seu carro caro. Todos e todas querem beijá-lo na cara, na boca, em todo lugar.

Acorda suado, lembra que é uma IN, que existem outros como ele, que precisa ter mais poder. E que pode unir cristãos e cientos. Afinal, todos esses insanos buscam um messias.

Trinta e dois

Sérpico é um homem gordo. Ele tem fome, é faminto de tudo, principalmente de poder. Não pode ser saciado jamais. Heterossexual, possui uma mulher servil que o acompanha em todos os eventos promocionais e políticos. Possui também um filho e uma filha, adotivos.

Clones não podem procriar, pois assim quis o alfa, senhor supremo de suas réplicas. Isso, no entanto, deixa Sérpico revoltado, pois até os Artificiais conseguem procriar, mas ele não!

A reprodução dos Artificiais, como todos sabem, é menos elaborada do que a dos antigos Naturais, apesar de sexual. E essa simplicidade é um desejo insatisfeito de Sérpico. A sua esposa sabe que ele é um Natural, e o considera um deus.

Toda fé religiosa precisa de um livro sagrado para não morrer. E foi atribuída ao alfa uma grande obra de ficção intitulada: *IN, ano 4000*.

Os cientos acreditam que, no ano 4000, o alfa se manifestará em um de seus clones. É óbvio que a esposa de Sérpico acredita que o marido é a reencarnação do alfa, por isso ela o ama e também o teme. Mas Sérpico sabe que Adão é o homem das profecias, o "amante de ambos os sexos e criador de imagens de fogo".

Como ocorre com todo “livro sagrado”, os seguidores de uma fé podem distorcer suas palavras como bem entenderem, de acordo com cada interesse. Assim, o que é permitido também pode ser condenado, e vice-versa.

Adão foi encontrado no Setor 9, Distrito 3. Preta e Branco, que não podiam ter filhos, não chamaram a polícia, só levaram a criança para casa e, dias depois, registraram o menino com o nome de Adão.

Quando a criança teve sua primeira queda após os primeiros passos, viram seu sangue vermelho. Mas o amor já tomava conta de seus corações artificiais. Como bons pais que eram, fugiram dali, se mudaram para proteger o filho querido.

Cientos respeitáveis veem no livro sagrado, na obra ficcional do alfa, sinais de que Adão é a reencarnação do pai. “Ele volta à sua origem”, está escrito. Traz também números misteriosos: “9-3, assim é”. E este trecho obviamente revelador: “O primeiro homem criado por deus abriga em si o pai”.

Trinta e três

O Setor 5 é *sui generis*. Aliás, essa expressão latina ficaria bem nos lábios da sobrinha de Vox. Mas o Setor 5 não é lugar para ela, é o espaço para os radicais de extrema direita, os reacionários, os intolerantes, os racistas, os LGBTfóbicos, os misóginos, os fascistas, os nazistas, os totalitaristas, os torturadores.

Apesar de não abrirem mão da tecnologia, eles se vestem como cidadãos de mais de dois mil anos atrás; especificamente, século XIX. Ali, não há pessoas pretas, existe apenas a supremacia branca.

O clima nesse setor é bastante *sui generis*. E aí temos a expressão latina outra vez. Há tempestade de raios e trovões durante todo o dia, o que provoca medo e raiva. Não se sabe se as fobias e os ódios desses indivíduos são causados pelo ambiente hostil, ou se eles escolheram tal ambiente por ele estar em consonância com seus vis sentimentos.

A esposa do juiz é recebida no Setor 5 com festa. A princípio, ela estremece ao ver e ouvir raios e trovões. Porém, o setor está totalmente protegido por para-raios. Logo ela se acalma e começa a se sentir em casa.

Ela participa de conversas, dá palestras, faz discursos. E menciona rumores sobre um tal Adão, considerado um possível messias para os cientos. Preto, preto como carvão, ela diz, com sorrisos e ascos.

— Quem será o herói que nos livrará desse falso messias? — ela provoca.

E ouve dos presentes:

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

— Eu!

O sorriso no rosto da esposa do juiz seria belo, não fosse essencialmente feio, pois perverso. E a união de sua gente seria admirável, não fosse criminosa, pois assassina.

Trinta e quatro

Vox leva Adão a um xou de música preta. Repe, fanque, samba, blus, jez e vita. Mas desistem de entrar no grande teatro, pois há muitos policiais com seus escâneres.

E não perdem grande coisa. Não porque a música seja ruim, é coisa de altíssima qualidade. Não porque os artistas sejam de segunda, são a fina nata bleque. Não é porque os hologramas são de quinta, são de primeira, e Adão os aprovaria.

Porém, o lugar está cheio de brancos da elite, que acham divertido ir a um xou de música preta, sem sequer entender o significado dessa música. Mas é moda, e o filho do juiz viajou até o Setor 9 só para isso.

Ele tem uma amiga, que sente coisas pelo filho do juiz. Ele também acredita sentir coisas por ela, pois se convenceu, e se engana, de que não sente mais desejo por homens.

O filho do juiz precisa relaxar um pouco. A tensão é grande, pois está perto o exame de admissão em faculdades setoriais. O rapaz tem que se decidir entre o Direito e a Medicina, apesar de não ter vocação para nenhuma dessas duas profissões.

É uma exigência de sua classe: ser médico ou advogado. E quando chega o dia do exame, ele

fracassa. Resta aos seus pais pagar uma faculdade particular, onde o diploma não passa de um produto adquirido por alto preço. Daqui a alguns anos, mesmo com fracasso nas provas, o diploma é coisa certa.

Em casa, o juiz comenta com a esposa sobre o caso de um homem estuprado. Que vergonha! Ele tinha medo de contar, de denunciar. Mas tomou coragem. E, depois de virar alvo de chacota, principalmente por parte das mulheres, o juiz lhe deu a justiça devida.

Antes, porém, o estuprador recebeu a tortura policial: saco na cabeça, esprei de pimenta nos olhos, socos no peito, na barriga, no rosto, queimaduras com isqueiro. Mas a força policial não se comporta assim apenas com possíveis estupradores.

Suspeitos de outros crimes recebem o mesmo tratamento, culpados ou inocentes. Afinal, a polícia tem fome de dor. Os salários são baixos, mas a diversão é garantida. O sistema alimenta esses sádicos cães da elite.

Um jovem inocente de vinte anos, preto e pobre, foi torturado para dizer onde estava a droga. Que droga? Ficou traumatizado, passou a dormir na rua, tem medo das pessoas.

Mas o juiz não gosta desse tipo de história, odeia vitimizações. Não tem pena de gente

inferior, que busca justificativa para a própria fraqueza.

Trinta e cinco

O vox de Sérpico é quem denuncia Adão. Os policiais invadem o asilo para gueis, enquanto todos dormem. Quebram portas e janelas. Os velhos gueis acordam e acreditam que a Morte finalmente está chegando, truculenta. Mas a polícia quer apenas Adão.

Um policial invade o quarto e escaneia o rapaz, que sente surpresa e medo. É um aparelho pequeno, com uma luz horizontal na ponta. O policial simplesmente aponta o aparelho para Adão e percorre seu corpo da cabeça aos pés.

Algemado, Adão é levado pelo rude policial preto, de origem pobre, mas com sede de poder. Um pai de família, com dois filhos que o amam. Papai é tão dedicado e carinhoso com as crias! E tem esperança de um dia ser chefe de polícia. Mas o seu chefe, atualmente, é branco e sempre foi.

Dias depois de efetuar a prisão, ele acorda, beija a testa da mulher que ronca ao lado. E depois de realizar sua higiene matinal, veste a farda e, como num passe de mágica, se sente muito especial. Ao pegar seu desativador, fica excitado e quase acorda a mulher para. Mas quer mesmo é eliminar consciências.

Participar da prisão de Adão, a IN mais procurada de todos os tempos, foi um marco em sua carreira. Impossível que seus superiores continuem a ignorar a sua qualidade como policial, membro essencial da corporação.

Tem esperança na promoção e, depois de tomar o café amargo, conservado na garrafa térmica, ousa até assoviar. É o grande dia, vai depor no tribunal. Estado contra IN. Que emoção! Sua filha de seis anos se levanta, encontra o pai na cozinha e o abraça.

Ela nem pode imaginar que essas mãos que a afagam conhecem o poder da violência e da tortura. Um pai exemplar. Um policial exemplar. Um torturador exemplar. Um preto que envergonha toda uma geração politizada de gente preta.

— Cão domesticado!

Foi disso que Adão o chamou no momento em que foi algemado. E aquela frase ficou na cabeça do policial, mais como um incômodo do que uma reflexão. Seu servilismo em relação à elite lhe parece tão natural. Para a elite, ele baixa a cabeça. Para os seus iguais, ele rosna cheio de ódio.

Mas os cães domesticados não sabem que são domesticados. E se atacam é para proteger os seus donos. Alguns deles até sentem prazer ao

arreganhar os dentes, babar, ameaçar, morder e sentir o gosto de sangue.

Trinta e seis

O detento acorda dentro de uma pequena cela. Não pode ser colocado em uma das inúmeras celas superlotadas, pois assim a morte é certa. Com exceção dos cientos, as pessoas nutrem um ódio feroz contra a Inteligência Natural.

Ouve gritos e risadas em celas vizinhas. Os presos são jogados ali, um depósito de lixo humano. Antes mesmo de serem julgados, deixam de ser cidadãos. A sociedade esquece que já foram crianças, que têm uma história e que têm uma família, tão apreciada pelos generosos cristãos.

Esse é outro mundo, outra realidade, que às vezes se conecta com o mundo lá de fora, dos que ainda podem ser chamados de cidadãos. É uma cidadã juíza que se prepara para julgar Adão, exemplarmente. Por mais que a esposa do juiz tenha feito contatos para que o marido tivesse tal protagonismo, uma juíza com melhores influências foi escolhida.

O policial que prendeu Adão vem algemá-lo e levá-lo até o tribunal. A farda está impecável, pois a mídia está com todos os holofotes sobre o caso. E o policial tem esperança de ser promovido.

— Cão! — Adão diz entredentes.

Recebe, como resposta, um tapa na cara.

“Esse preto natural não perde por esperar”, pensa o cão policial.

O julgamento midiático conta com plateia e muitas câmeras holográficas. Depoimentos ensaiados. Caras e bocas. Todos atuam a contento. Só Adão é natural, não só em sua essência. E não se surpreende, e não se comove, e não se assusta, pois sabe que já está condenado.

É condenado à prisão perpétua, com sessões de choque elétrico diárias. Não poderá sair da cadeia nem depois da morte, pois os presos são pulverizados lá mesmo. Mas, no auditório, está um velho e melancólico advogado. Ele é frio e racional na aparência, mas seu coração sangra, e o cor-de-rosa invade seus olhos.

Trinta e sete

O velho e melancólico advogado é um homem branco, de sessenta anos. O cabelo já está todo branco, a pele enrugada, os olhos são azuis. Alto e meio curvo. Usa terno para trabalhar, mas também em casa. Gosta da formalidade, pois ela o faz se sentir mais seguro.

Ele é um homossexual que nunca exerceu plenamente sua sexualidade. Jamais sentiu o corpo de outro homem, a não ser em pensamento ou em realidade virtual. É casado com uma mulher lésbica que também nunca exerceu plenamente sua sexualidade.

Ela tem um metro e sessenta e está um pouco acima do peso. É preta e possui crespo cabelo brilhante, pintado de azul. Ela, ao contrário dele, gosta de ousar às vezes. Tem cinquenta anos de idade.

Ambos virgens. E dedicam suas vidas a proteger gueis e lésbicas perseguidos pelo Estado. Antes mesmo da aprovação da cura guei, homossexuais já eram alvo de todo tipo de agressão. E o advogado e sua esposa faziam de tudo para lhes conseguir justiça.

A esposa é sua secretária. Uma máquina de pesquisa e organização. O marido sempre tem as informações necessárias porque ela as consegue.

São almas gêmeas. E nunca exerceram a sexualidade entre si, pois os une um sentimento fraterno e jamais entenderam os impulsos heterossexuais.

Ele decide defender Adão, uma IN bissexual.

— Consegui um novo julgamento para você, Adão.

— Quando?

— Daqui a um mês.

Adão está abatido e sabe que não sobreviverá até lá. Está sendo maltratado pelos carcereiros, e os choques elétricos provocam medo e dor.

— Não sobrevivo até lá.

O advogado olha-o com seus olhos tão humanos e fala:

— Estou apenas ganhando tempo. A sentença em um novo julgamento deve ser a mesma. Os juízes deste país não se preocupam com justiça, mas com política.

— Então?

— As sessões de choque elétrico estão suspensas a partir de hoje. Segundo a lei, ao conseguir um novo julgamento, a pena anterior se extingue. Mas o resultado do novo julgamento pode ser até pior. E você precisa esperar por ele em uma cadeia pública.

— Não entendo.

— Apenas esteja preparado. Não posso te dar detalhes, pois você pode acabar revelando nosso plano. Apenas esteja pronto. Confia em mim. E confia em seu vox.

O advogado acompanha seu cliente na transferência para a cadeia pública. E, no caminho de volta para casa, ele começa a sentir algo diferente. Adão desperta nele não só o desejo reprimido, mas a capacidade de se apaixonar. O advogado, no entanto, ainda não tem consciência disso, é só uma sensação.

Trinta e oito

O advogado é sonâmbulo. Levanta-se durante as noites, anda pelo apartamento. Enquanto perambula, sonha. O beijo de Adão é interrompido bruscamente. A esposa do advogado o acorda no momento em que ele, afundado no beijo, experimenta a felicidade.

Ele está de terno, dormiu no sofá enquanto esperava a hora de.

— Você está atrasado — diz a esposa.

Ele pega a mala e sai. Não se esquece de levar um desativador. No lugar combinado, em uma autoestrada, ele se encontra com Adão e Vox. Os olhos do rapaz estão assustados. Mas os de Vox são frios. Vox segura firme seu desativador. Matou alguns homens na cadeia pública para libertar Adão e não se importa em matar mais.

A campainha toca. A esposa do advogado abre a porta, deixa os dois policiais entrarem. A essa altura, o advogado e Adão já fugiram de carro. E Vox voltou para sua vida normal.

A polícia vai embora. E a campainha toca de novo. A esposa do advogado abre a porta. O sem-teto entra. Libertário, rebelde, longo cabelo, barba. E belo. Como é bonito! Às vezes, o casal o

recebe em casa. O rapaz toma banho, faz a barba, come.

Já se ofereceu para comer o advogado, por gratidão. Mas o advogado não abre mão da virgindade. Só Adão, talvez...

O sem-teto pergunta pelo advogado.

— Viajou.

— Quando volta?

— Não sei se volta.

Ele tem o dom de ler pessoas.

— Está perdida?

— Ainda não sei como proceder.

Ele está nu. Enquanto tomava banho, a esposa do advogado colocava suas roupas na máquina de lavar. Agora elas estão na máquina de secar.

— Você tem um desativador? — ele pergunta.

— Pra quê?

— Talvez eu me mate enfim.

Ela se levanta e depois volta com o desativador, coloca-o sobre a mesa da cozinha. A arma fica ali entre o silêncio dos dois.

— Dorme um pouco — ela diz.

Ele já conhece o quarto de hóspedes. Dorme durante seis horas. Quando acorda, o desativador ainda se encontra no mesmo lugar. Mas ele vai embora sem tocar na arma.

A esposa do advogado está há horas com vontade de chorar. Pensa que talvez seja melhor acabar com a própria vida. Pega o desativador, aponta-o para uma das têmporas. Mas o comunicador holográfico toca. É a esposa do juiz, ela está no Setor 9.

A esposa do advogado está tão cansada de fingir. Não quer mais esconder que é lésbica. É por uma causa maior que vive esse teatro. Mas não pode mais. O desativador continua sobre a mesa.

Trinta e nove

A esposa do juiz guarda um segredo: ela foi adotada e criada por uma família de gente preta. Teve todo o amor que uma criança pobre pode ter e amou aquela gente preta como se fosse preta também. Até o dia em que descobriu que era branca e acreditou ser superior.

De índole calculista, usou a beleza para seduzir o juiz, na época apenas um estudante de Direito. Casamento inesquecível, mas sem o comparecimento da família da noiva, que não foi convidada.

A mãe morreu de desgosto, o pai nunca mais quis falar com a filha. O único contato familiar que a esposa do juiz tem é com sua irmã, a esposa do advogado. E, de seis em seis meses, sempre faz uma visita.

Dessa vez, não esconde a indignação por o marido da irmã estar defendendo um Natural preto e "viado". Considera-se traída. E onde está ele agora? Ah, a irmã não pode falar, guarda bem os segredos do marido.

— Isso eu admiro, minha irmã, isso eu admiro. Devemos ser fiéis aos nossos esposos. Mas não pense que vou interceder por vocês quando o peso da lei cair sobre os ombros do seu marido.

A esposa do advogado ouve tudo calada. Está tão cansada de tudo e de todos. Colocou o desativador dentro de uma gaveta e deixou-o à espera. De quê? Coragem para acabar com tudo.

Os Artificiais foram programados para lutarem pela vida e evitarem a morte. A programação é mais forte do que o querer? E a esposa do advogado quer muito acabar com tudo.

— Por que você continua vindo aqui na minha casa?

A esposa do juiz parece surpresa com a pergunta.

— Ora! Somos irmãs!

O sorriso no rosto da esposa do advogado parece um ricto de dor.

— Eu sou preta. E você odeia pretos.

A esposa do juiz arregala os olhos.

— Como eu posso odiar pretos se fui criada por eles? Não sou racista. Tenho uma família preta, amigos pretos...

— E uma empregada preta.

— Besteira! Alguém tem que fazer o trabalho doméstico. Se é preta ou branca, não me importa.

A esposa do advogado levanta-se e encosta-se na pia. Elas estão na cozinha, a esposa do juiz come um pedaço do bolo que trouxe para a irmã.

— Seu marido e seu filho não sabem que eu existo, nem que você tem pais pretos.

— Eles não entenderiam.

— Por que não?

— Ora, eles têm uma cultura diferente.

— Oquei, estamos nos repetindo. Já tivemos essa conversa um milhão de vezes.

— E você não aceita os fatos.

— Sim, os fatos.

— As coisas são como são, minha irmã.

— Nisso, estamos de acordo.

Quarenta

A primeira casa em que recebem abrigo é a de um homem triste. É um roteirista e produtor de cinema holográfico e, obviamente, um ciento crente nas profecias e com a certeza de que Adão é a reencarnação do alfa.

É um homem muito alto e com ombros curvos. Cinquenta e quatro anos de idade. Calvo. Olhos pequenos. Nariz fino e longo. A boca é um traço pálido no rosto branco. Pelos no peito esquelético, nos braços e nas pernas. Mãos e pés enormes.

Ele agora está produzindo o filme holográfico chamado *Um homem triste e muitas pessoas alegres*. E, numa noite, conta para Adão e para o advogado a história do filme. Podia resumir ou ler o roteiro, mas tem prazer em contar.

O tal homem triste, obviamente seu *alter ego*, faz pesquisas em um laboratório. Ali, desenvolve uma relação muito íntima com um rato. Todos os dias, ele o tortura em seus testes dolorosos.

Outros ratos passaram pelo laboratório, mas o indivíduo X-278, como é identificado, despertou estranhamente o afeto do pesquisador. É preciso lembrar que, para muitos sádicos, causar dor é

um ato de amor. Ele chama o rato apenas de dois-sete-oito.

E o pequeno mamífero já aprendeu que esse é seu “nome”. Ratos são inteligentes, o que torna a coisa ainda mais terrível. Ao ouvir “dois-sete-oito”, ele fica alerta, porque sabe que a dor está próxima.

Ele poderia ser um rato masoquista. Assim, a relação entre os dois seria simbioticamente perfeita. Mas não é. Dois-sete-oito abomina a dor e o sofrimento. E, como qualquer indivíduo, sente medo, ódio e desejo de vingança.

Porém, o homem triste tem a ilusão de que dois-sete-oito é um daqueles torturados que desenvolvem afeição pelo seu torturador. É preciso repetir que o rato não é masoquista. E também que é inteligente. Ele percebe que o homem triste sente algo especial por ele.

Dois-sete-oito então se esforça para seduzir o homem. Quando não está guinchando desesperado de dor, tenta manter a calma e ser agradável ao seu torturador. E dá certo, o homem triste forja a morte do rato e o leva para casa.

As torturas continuam. Mas quando o rato está sozinho em casa, ele tem tempo para planejar sua vingança. Nessa parte da obra, um novo terror se descortina, pois o torturado se transforma em torturador.

Ao perceber o pouco interesse de seus convidados em sua história de terror, o homem triste original inventa uma desculpa para não continuar. E quando Adão, no intuito de ser gentil, tenta encetar uma conversa mais “cabeça” sobre a diferença entre inteligência e consciência, o anfitrião parece ofendido.

No dia seguinte, ele chega com um novo endereço. A mudança é feita dois dias depois. Novo ciento está ansioso para receber o messias em casa e ter papel ativo nessa e nesta história.

Quarenta e um

A pintura mais famosa depois da *Mona Lisa* foi feita em 2045 e se chama *Céu ou paraíso*. É a imagem de um deserto, ou seja, ninguém vai para lá. Genial! A pintora era uma mulher preta. Eudora era uma Natural.

— Genial! — diz o dono da nova casa onde Adão está escondido.

É rico, branco e gordo, obviamente. Nenhum pobre coitado teria uma tela tão valiosa na sala de estar. É preciso dizer que é uma holografia, pois a obra original está no cofre climatizado.

Nessa casa, Adão e o advogado estão confortáveis. No entanto, a tela de Eudora está mais segura do que eles. Isso porque, entre os empregados, existe um cristão infiltrado. Ele está fazendo uma denúncia diante da holografia de um policial quando é surpreendido por outro empregado.

Adão e o advogado saem às pressas. O rico empresário os acompanha até o Setor 15. Uma região montanhosa, de difícil acesso. Ao entrar no setor, os fugitivos percebem que ele está coberto por grades protetoras. Ao sair do veículo, ouvem o assustador guincho de um gavião.

O setor é a morada de gaviões gigantes. Sem as grades de proteção, eles capturam pessoas e

as levam para seus ninhos para serem devoradas. Em algumas partes do setor, as pessoas moram no subterrâneo. Os fugitivos descem uma escada e chegam a um bairro.

Ali, ficam na casa de Núbia Lilith, mais uma clone do alfa. Ela é uma mulher transgênero. Seu companheiro é um ciento e fica embevecido com a presença de Adão, o messias prometido. Mas os ídolos sempre decepcionam, pois sua normalidade choca os idólatras idealizadores.

— Pensei que ele fosse diferente — fala o companheiro, na cama do casal.

Núbia sorri.

— Diferente como?

— Não sei, apenas diferente.

— Você achou que ele tinha uma luz dourada no sorriso e em volta da cabeça?

— Mais ou menos isso aí.

— Ele é um Natural, meu amor. Está sendo caçado por fanáticos cristãos. E sabemos que não vai sobreviver.

— Do que está falando?

— Se ele é a pessoa de que falam as profecias, seu destino é uma morte gloriosa.

— Você disse “se”. Não acha que ele seja o messias?

— Como vou saber?

O brilho nos olhos do companheiro aparece antes de ele dizer:

— Quem sabe é você, meu bem?

— Dispenso esse fardo. Não ouviu o que falei? Ele está destinado a uma morte gloriosa. Eu só quero uma vida gloriosa.

Núbia Lilith tem quarenta anos. É preta. Possui um belo cabelo crespo. Enquanto tem convidados em casa, não abre mão da maquiagem. Está um pouco acima do peso, coisa da idade.

O companheiro também está com uns quilos a mais. É um homem preto e mais alto do que a companheira. Tem pouco mais de trinta anos e trabalha como professor de Matemática. Já Núbia Lilith tem um salão de beleza, que está sempre lotado.

Quarenta e dois

O vírus Elite foi assim nomeado pelos cientistas porque só ataca os ricos. Há alguma coisa no estilo de vida das pessoas ricas que alimenta o vírus, mas a ciência ainda não sabe o que é. Isso faz com que os ricos fiquem ainda mais isolados, agora não só dos pobres, mas dos igualmente endinheirados, para evitar o contágio.

Os pobres, historicamente as principais vítimas de qualquer epidemia, sentem certo prazer em ver os ricos experimentarem a fragilidade, a frustração e a impotência. Os pobres, incompreensivelmente, querem viver. Os ricos não entendem por quê. Mas não há muito o que entender, tudo é apenas uma questão de programação, que nos Naturais se chama “instinto”.

Sem muito o que fazer, Adão liga o aparelho holográfico, em busca de entretenimento. Uma apresentadora cita versos de um poeta agressivo, que odeia a tudo e a todos. Ele é um inadaptado, não se encaixa na sociedade, ignora que não se adaptar é uma forma de se encaixar, e chama seus versos de “não poemas”.

Em outra transmissão, uma jovem critica a objetificação da mulher e fica irritada quando outras mulheres, tão alienadas!, não conseguem

entender o seu ponto de vista. Apenas uma mulher de um metro de altura, sumamente intelectualizada, consegue dialogar com a jovem revoltada. Elas decidem escrever um livro juntas.

O advogado bate à porta do quarto de Adão, que o manda entrar, depois de desligar o aparelho holográfico. O advogado é sempre muito formal, não abandona o terno. E Adão pensa como é seu corpo nu, sempre teve atração por homens mais velhos. E a seriedade, a inteligência e o jeito protetor do advogado deixam Adão excitado e algo apaixonado.

— Logo partiremos novamente, oquei?

Eles não podem ficar muito tempo em uma mesma casa, precisam se movimentar constantemente, para enganar as autoridades.

— Quando isto vai acabar?

O advogado dá de ombros e sorri triste. Aproxima-se da cama e toca o rosto de Adão, que fica surpreso por esse gesto de carinho. Adão segura a mão do advogado, unidas enfim.

Adão se levanta. Eles se olham nos olhos, e o beijo acontece. E é tão bom! Mas o advogado quer fugir. Adão o abraça por trás, quer impedi-lo.

— Fica, por favor. Fica comigo esta noite.

O advogado está excitado e confuso. Ele se vira e beija Adão com tanta paixão e afeto, que o rapaz chega a pensar que, antes do advogado,

nunca conheceu a felicidade, essa puta linda e avassaladora, que se entrega aos dois de graça nessa noite.

Quarenta e três

A paixão é assim. Ela chega como se não quisesse nada, vai crescendo, crescendo, e de repente se instala, dona do lugar, soberana e tirana. Adão e o advogado estão apaixonados, e ambos acreditam que jamais estiveram apaixonados de verdade antes de se conhecerem.

É que a paixão cresce seus tentáculos no cérebro do apaixonado e oculta verdades para alimentar a ilusão. É fato que Adão é mais experiente do que o advogado. Afinal, o advogado perdeu a virgindade com Adão. Isso não o impediu de se apaixonar antes, platonicamente. E venhamos e convenhamos, a ilusão e a realidade, para o cérebro, são a mesma coisa.

Adão, depois da deliciosa noite de sexo com o advogado, passa a olhar para o amante como a um deus protetor. E o advogado aceita tal papel, que já estava sendo exercido desde o dia em que fugiram juntos. O advogado está disposto a entregar a própria vida para defender seu amante.

Durante o sexo, o advogado é diferente. Seu semblante se desanuvia, e ele até se permite sorrir entre um beijo e outro. Mas quando se levantam, depois de uma noite abraçados, ele põe a sua máscara de advogado sério, a qual já faz

parte dele, como as nossas também fazem parte de nós.

Ainda estão na casa de Núbia Lilith, que recebe algumas visitas ansiosas por conhecer o messias prometido. Então, Adão é apresentado a uma pessoa bem diferente. É um homem alto, muito magro, com olhos grandes e completamente pretos. Isso mesmo, aqueles olhos que, no passado, o cinema colocava em personagens extraterrestres.

O homem com olhos de extraterrestre se diz intelectual, já leu tantos livros digitais que perdeu a conta. Parece não perceber a contradição presente no fato de um intelectual acreditar em profecias. Ele namora o Leopardo, um belo jovem cujo nome real é Leonardo.

Como ele não se considera nem branco nem preto, se identifica com o adjetivo “pardo”. Então, o “Léo” se juntou com a palavra “pardo”, e temos portanto “Leopardo”. Adão cai na gargalhada depois que Leopardo explica a origem de seu apelido.

E o advogado sente, pela primeira vez, um dos efeitos colaterais da paixão: o ciúme. Afinal Leopardo parece bem interessado no seu messias. Mas o homem com olhos de extraterrestre parece não se importar, deve estar interessado em um gostosinho sexo a três... ou a quatro, talvez.

O homem com olhos de extraterrestre só não perdoa traição com mulher. E talvez por isso, o Leopardo tem tantos casos fortuitos com mulheres. E elas gostam do “felino”, pois ele sabe foder uma buceta como ninguém. Mas só de pensar nisso, o homem com olhos de extraterrestre sente um arrepio assassino.

No dia seguinte, Adão e o advogado, mais uma vez, se mudam de casa. Então, Núbia Lilith decide acolher um jovem de dezesseis anos que está sendo perseguido pelo Estado. Os pais do rapaz o ajudaram a fugir das autoridades, que queriam que a lei fosse cumprida: ou tratamento ou prisão.

O rapaz guei de dezesseis anos tem saudade dos pais. Mas Núbia Lilith e seu marido assumem essa função. Sempre quiseram ter um filho juntos. Pensavam em um bebê, mas os sentimentos maternos e paternos podem ser direcionados a pessoas de diferentes idades afinal.

Quarenta e quatro

No Setor 7, todas as pessoas adultas têm entre oitenta centímetros e um metro. É claro que turistas altos são comuns ali. E não passam despercebidos. Também por esse motivo, Adão e o advogado chegam de madrugada, quando a maioria dos seteanos está dormindo.

Ali também pastoras e pastores babam de ódio ao falar contra gueis, lésbicas, i-enes, cientos e “outras aberrações”. O título faz jus a esses odiadores cristãos, pois parecem raivosos pastores alemães da atualidade e menos pastores de ovelhas do passado.

As ovelhas sabem que são ovelhas? E se orgulham de ser o que são? Como amar a liberdade quem não a conhece? Quais são os lobos em pele de cordeiro? Pastores alemães são parentes distantes dos lobos ancestrais.

Cada dia mais, pastores e pastoras cristãs falam do grande demônio, uma i-ene chamada Adão. Querem sua captura, sua tortura, sua morte só depois de muito sofrimento exemplar.

O belo homem gordo vive no Setor 7 desde que nasceu. Sim, apesar de ser alto e gordo, seus pais tinham apenas um metro de altura cada um. Aliás, quando o menino ultrapassou a altura dos

pais, ficou evidente para todos que era fruto de uma traição.

Ele é moreno, careca, tem profundos olhos pretos, nariz bem-feito, proeminente, e suculentos lábios vermelhos. Com inteligência acima da média, escreve livros que não são lidos por ninguém. É racional, sério, contido nos gestos e se veste elegante e formalmente.

Logo o advogado e o belo homem gordo sentem grande afinidade. E Adão, o ciúme. Como o advogado é novo nessa coisa de relação amorosa, não entende o mau humor do amante.

— Não dá mais pra vocês continuarem fugindo — diz o belo homem gordo, com a confiança de seus quarenta anos de idade.

— Eu sei que não podemos mais — concorda o advogado.

— A última parada de vocês é o Setor Doze. Ali o Estado não vai entrar. Será o primeiro polo de resistência.

— Resistência? — pergunta Adão, preocupado.

O belo homem gordo olha com ternura para Adão e diz, com certa doçura:

— Não pensou que tudo acabaria em paz, pensou?

Adão fica calado, enquanto entende que precisa tomar as rédeas da situação. Messias ou não, os cientos esperam dele uma atitude.

Não ficam muito tempo na casa do belo homem gordo. São acordados durante a noite por truculentos soldados armados. E acreditam que é o fim.

Quarenta e cinco

A polícia comemora não só a prisão de Adão, mas também a de um assassino em série que matava torturadores. Na última ditadura no país, encerrada há pouco mais de vinte anos, os torturadores foram anistiados, um erro histórico.

Um país que protege torturadores precisa conviver constantemente com a vergonha.

O matador de torturadores então decidiu unir o útil ao agradável. Útil porque eliminava da face da terra gente cruel, sem empatia, um perigo constante. Agradável porque um assassino em série tem necessidade de, e prazer em matar.

Torturadores são cânceres em uma democracia.

A lista das vítimas do assassino em série (Justiça Tarda é seu codinome) contém os seguintes tumores:

Abílio,
Aderval,
Afonso,
Alcides,
Antônio,
Caio,
Carlos,
Davi,
Dirceu,

Edgar,
Edson,
Ernesto,
Francisco,
Freddie,
Henrique,
Homero,
Inocêncio,
Ítalo,
Ivo,
João,
José,
Luiz,
Maurício,
Omar,
Otávio,
Paulo,
Pedro,
Raul,
Rubens,
Sebastião,
Sérgio,
Ubirajara
e Waldir.

Às vítimas dos torturadores, anos de silêncio:...
....
....

Quarenta e seis

Não há piedade para Adão. Fugitivos não recebem privilégios. Um terrorista! É o que diz a imprensa do país, que o acusa de comandar um bando de fanáticos religiosos. Os cristãos mais influentes condenam o extremismo ciento. Cristãos são santos do pau oco.

A pena de morte é necessária. O projeto é votado em regime de urgência. Aprovado por maioria na câmara dos deputados e no senado, e depois sancionado pelo presidente. Comemoração! O juiz está exultante. A única coisa que o incomoda é que a esposa é mais famosa do que ele.

Ela tem ainda mais influência agora. E consegue que, dessa vez, o marido seja o juiz que vai condenar a IN mais abominada de todos os tempos: o terrorista Adão. Mas o rapaz não sabe o que acontece lá fora. Está isolado em uma solitária faz dois meses.

Escuridão, mau cheiro, calor, febre, desejo de morrer, aceitação, delírio, revolta, aceitação, comida salgada, falta de água, sede, diarreia, sadismo de carcereiros. Gritos. Dele? Dos outros? O Estado pode ser um inimigo. Amigo dos poderosos. Inimigo das minorias. Democracia! É isto? Em risco, agoniza a democracia.

Adão às vezes não sabe se está vivo, morto, acordado, dormindo, sonhando ou o quê. Delírio, emagrecimento, ossos sob a pele suja. O mundo lá fora não existe mais, ele não sabe que a cura guei agora tem o pomposo nome de “terapia de reorientação sexual” ou “terapia de conversão”, pois busca atingir toda a comunidade LGBTQIA+.

Não sabe que seus fiéis adoradores estão se organizando, enquanto repetem insanos: “O Senhor nos fez à sua imagem e semelhança”.

A esposa do juiz afirma que Adão é o anticristo!

Febre, febre, febre, dor.

Loucura.

Gritos.

Aceitação.

Então, a porta da jaula escura se abre, e os olhos de Adão são feridos pela luz.

Quarenta e sete

Ele é um homem de múltiplas consciências. Enquanto os outros apertam o botão de seus desativadores ou lançam bombas que explodem os corpos da corrupta lei, ele arrasta Adão pelo braço. “Arrastar” é o verbo adequado para se usar nessa situação.

Adão está fraco, desnorteado, fecha os olhos diante das explosões. E, de repente, se vê dentro de um carro, no meio de dois outros homens. À frente, dois rostos conhecidos: Vox e o advogado.

Eles nem têm tempo de sorrir, Adão desmaia. O carro dispara pelas ruas, seguido de outros que protegem o veículo que conduz o messias.

O homem de múltiplas consciências volta para ajudar seus companheiros. Ele sabe que está em uma ação suicida; mas quer uma morte nobre. “Morreu ajudando seus companheiros”, é isso que ele quer que falem dele numa eventual cerimônia de adeus.

Existem poucos como ele. Um homem com múltiplas consciências. Ou um homem com uma consciência fragmentada. Fato é que ele ocupa vários corpos ao mesmo tempo. Nesse momento, está morrendo como rebelde, revolucionário ou, como preferem os cristãos, terrorista.

Porém, também ocupa o corpo de uma menina de seis anos, de um mecânico de trinta, de uma idosa aposentada de oitenta, de um cão domesticado de oito anos, de um velho rico de cem anos, de uma mendiga de trinta, de um empresário milionário de cinquenta.

Ele é todas, todos e todes, mas vive experiências diferentes em cada corpo. Não há uma consciência superior que comanda todas as outras. Há sim uma consciência fragmentada. E a nobre morte do ciento rebelde, ocorrida nesse exato momento, é sentida em todos os corpos.

Agora que o corpo está morto, para onde vai esse fragmento de consciência? Ele está livre no nada, à espera de um novo corpo. O nada é paz. Porém, ao chegar ali, que não é um lugar, pois é o nada, ao chegar ao nada, esse fragmento de consciência, que foi um rebelde, ainda tem o costume da luta. Mas, depois, aceitação e descanso.

Quarenta e oito

É o ano 4000. Adão precisou de duas semanas para se recuperar das torturas e privações. Estão no Setor 12, principal polo de resistência. Nesses últimos dias, Adão teve que decidir se queria viver ou morrer. Pois se trata disto, não ter outras escolhas. E para viver, é preciso atuar a contento.

Adão entra na sala do apartamento no qual os cientos o hospedaram. Vox e o advogado estão adormecidos, sentados em um sofá, vencidos pelo cansaço. Adão faz um carinho no rosto do advogado. Ele abre os olhos, que brilham diante do amado.

O advogado se levanta, com dores por todo o corpo. Os Artificiais também são condicionados a padecerem as dores do envelhecimento. Adão acorda Vox. Advogado e Vox esperam a declaração do rapaz.

Depois de duas semanas de silêncio, ele finalmente diz:

— Não acredito em nada dessa besteira de que sou o messias. Mas entendi que, pra sobreviver, preciso assumir esse papel.

Nasce agora um novo Adão, o revolucionário, o líder, a esperança. E quando é informado de que Sérpico está se aproveitando de sua ausência

para dividir os cientos, a decisão é imediata, precisa matá-lo.

— Onde ele está agora?

Vox responde, como se fizesse uma revelação divina:

— No Setor Nove, Distrito Três.

Então o rapaz sorri, amargo:

— Está escrito.

O advogado, como sempre, é prudente:

— Não acho uma boa ideia sair daqui. O Setor Doze é o mais preparado para resistir e te proteger.

Vox é combativa:

— Se deixamos Sérpico vivo, ele vai dividir os cientos.

O advogado continua:

— Você sabe, Adão, que ele está esperando justamente que você tome essa atitude, a do enfrentamento.

Adão não se permite mais o desespero. Depois do que passou na prisão, sua vida agora se resume em tudo ou nada. Não há mais espaço para o medo. Agora é hora de avançar, não de recuar.

O rapaz sabe que tem a palavra final:

— Vamos pro Setor Nove, Distrito Três. Não podem existir dois messias. Preciso matar Sérpico

e mostrar aos cientos que sou merecedor de sua adoração.

Essas palavras provocam um arrepio no advogado. Mas ele sabe que não tem escolha, está condenado a amar o belo rapaz até a morte.

Quarenta e nove

Já é noite quando chegam ao Setor 9. Durante toda a viagem, Adão permaneceu em silêncio. Ele não é mais o mesmo, pensa o advogado. Adão desce do carro, seus passos são firmes rumo à entrada do templo, onde, segundo informações recebidas, Sérpico faz seu discurso corruptor.

Quando ele entra, Sérpico interrompe a fala. Todos os ouvintes olham para a entrada do templo, que está cheio. Adão caminha rumo ao altar, o silêncio dos espectadores é impressionante.

O vox de Sérpico vai em direção a Adão, mas Vox pula sobre ele e, enquanto o enforca sobre o chão, Adão se aproxima do sorriso irônico de Sérpico, que logo se transforma em um ricto de dor.

Adão retira o punhal que cravou na barriga de seu rival. O medo está nos olhos dos cientos, mas também a adoração. Enquanto Sérpico agoniza sobre o chão, Vox e o advogado se colocam cada um de um lado do messias, como se fossem uma divina trindade.

Sérpico está morto.

Adão, pronto para comandar.

— Morte aos cristãos! — ele grita, e sua voz tem algo de divino.

A euforia é geral.

— Morte aos cristãos! — repetem os fiéis, em uníssono.

Muitos choram, emocionados diante do verdadeiro messias, o prometido, aquele de que fala o livro sagrado.

“9-3, assim é.”

A guerra começa, como foi profetizada, mais uma guerra santa, mais um mar de sangue começa a correr para regozijo de algum misterioso e sádico deus.

Durante anos, os cientos se prepararam para a guerra, acumularam um potente armamento, que está agora em pleno uso. Nesse conflito bélico, os drones são protagonistas, as explosões se repetem em um ritmo que seria poético não fosse tão terrificamente banal.

Como em toda guerra, os pobres são os que mais sofrem. Já os ricos têm recursos para fugir dos locais de conflito e buscarem lugares mais seguros. Os ricos são os ratos, aqueles que são os primeiros a abandonar o navio.

O Setor 12 é o da resistência.

Lá reside a divina trindade.

Cinquenta

Adão não dorme bem durante a noite. Acorda várias vezes. Por fim, se levanta às seis da manhã. Olha para o advogado, que dorme o sono dos justos. Adão tem vontade de beijá-lo, vontade de amá-lo eternamente. É um amor leve, o advogado não faz exigências, apenas acompanha, uma sombra amiga, com um invejável intelecto.

O sexo entre eles também é bom, o advogado é carinhoso, já perdeu o ímpeto juvenil. Às vezes Adão tem uma vontade dele que chega a doer, um desejo de possuir e quebrar seu corpo tão marcado pelos anos.

O prédio onde moram, no Setor 12, está sempre protegido por soldados dispostos a morrer pelo messias, o qual comanda a guerra dali, seu quartel-general. Ele está preocupado com o pai, por isso enviou alguns soldados para buscá-lo, mas não sabe se ele ainda está vivo.

Nunca pensou que seria um líder. E agora está confortável no papel. Às vezes chega mesmo a pensar que talvez essa coisa mística toda seja real. Nasceu para isso? Estava escrito? O alfa era mais do que um filho de um cão desgraçado? Qual o limite entre a ficção e a realidade?

Ouve uma explosão. Não se sobressalta. É mais um drone que tentou atacar o prédio e foi destruído pelo sistema antidrones.

No restante do país, cientos e cristãos migram em busca de um lugar seguro para viver.

O juiz morreu em um atentado, cujo alvo era sua esposa. O filho do juiz decidiu virar soldado e morreu em combate. A esposa do juiz, com a família destruída, assumiu a liderança de um grupo cristão, mas foi capturada faz alguns dias.

Adão sabe que ela precisa morrer. Já o advogado acha que sua morte pode gerar algum tipo de comoção entre os cristãos, torná-los ainda mais ferozes. Então, o destino é quem decide.

A esposa do juiz tem um microdesativador não detectável escondido na vagina. Ela o tira de lá e remove a proteção da arma. Forja um mal-estar e, quando o soldado de plantão se aproxima, ela o fere mortalmente. É um microdesativador de corte letal. Ela pega o desativador do soldado e mata todos os inimigos que encontra no caminho.

A esposa do juiz não hesita quando o assunto é matar um inimigo. Ela se esgueira pelas ruas do Setor 12, o prédio de Adão fica próximo ao cárcere. Há dois soldados perto da porta. Um deles cochila com a cabeça apoiada em uma parede.

A esposa do juiz é eficiente, quando o soldado desperta com o baque do colega que cai, é assassinado também. Até agora, tudo correu a contento, deus está com ela. Mas a porta está fechada.

Uma sirene começa a tocar para denunciar a fuga da prisioneira. A esposa do juiz entende que precisa escapar do Setor 12, ainda não é a hora de matar o demônio, deixa para depois.

Cinquenta e um

Branco chega ao apartamento de seu filho Adão. Está em estado deplorável, muito magro e envelhecido. Ele conta que o país está um caos, a fome e a violência estão em todo lugar. Ele já estava pronto para partir em busca de comida, como todos. Mas esperava que o filho o procurasse, então resistiu o quanto pôde.

Ele logo vê que Adão não é mais o mesmo homem, a mudança está em seu rosto, em seus gestos. Parece que o filho de Preta e Branco não existe mais, ali está apenas um fantasma do que ele foi.

Agora Adão está cercado pelas poucas pessoas a quem ama. Mas, e o diretor? Ninguém sabe nada dele, desapareceu no meio da multidão. A guerra elimina identidades. Mas Adão pressente que ele esteja morto.

O livre-arbítrio é uma balela, mais uma ilusão. Nem Artificiais nem Naturais temos escolha. Tudo está condicionado. Somos forçados a tomar atitudes, a seguir caminhos, e chamamos isso de escolha. Como pode ser uma escolha o abismo ou a ponta afiada da morte? Seria escolha se pudéssemos também subir ao céu.

O advogado e Adão cada vez se falam menos. Isso porque o rapaz está mergulhado em

um poço escuro de reflexões. Ele tem preguiça de falar e está cada vez mais arredio, busca a solidão. Às vezes, o advogado invade o seu espaço e lhe faz um carinho, que é recebido com gratidão.

O poder é solitário. Ter todos os destinos nas mãos e ser obrigado a dar a palavra final é um peso que se carrega sozinho. Mas não pense que isso é uma escolha. Não, o detentor do poder é levado pelos acontecimentos.

Adão busca rejeitar ideias místicas como a de que existe certa mão divina a comandar marionetes. Não, ele sabe que o misticismo é um abismo no qual mergulham as mentes fracas, incapazes de lidarem com a incerteza e o vazio existencial.

Ele tem coragem de enfrentar a realidade sem sentido e refletir exaustivamente sobre ela. E sabe que, em algum momento, vai encontrar uma pequeníssima verdade que aqueles que mergulham no abismo do sonho e da fé nunca poderão divisar.

E essa nesga de conhecimento vale por uma vida inteira. Todos aqueles que se dedicam a buscar o conhecimento entendem isso. Essa busca não é um sacrifício, mas uma atitude que separa os Naturais dos animais e os Artificiais das máquinas.

Enquanto Adão reflete sobre a existência (sentado em sua poltrona virada para a janela do alto prédio, vê as explosões e a fumaça da morte, como um rei em seu trono), Vox, o advogado e Branco são apenas sombras que passam silenciosas, preocupadas e reverentes.

Estamos todos presos e não conseguimos fugir.

Cinquenta e dois

A mulher maltrapilha esgueira-se pela noite, enquanto carrega a filha de quatro anos, adormecida. Busca um abrigo e está muito cansada. O filho de dez anos morreu na semana passada. Pobrezinho, estava magro e cansado, não conseguiu fugir de um drone exterminador.

A mãe nem pôde sofrer, ficou feliz por ele, que agora está em paz. Cristã, acredita em deus e no paraíso dos justos. A guerra foi articulada, armada, construída por cristãos e cientos ricos, que agora estão seguros. Os pobres ficam para bucha de canhão.

— Bucha de canhão — a mulher verbaliza o pensamento.

Que expressão mais antiga! Ela nem sabe o que é um canhão! Mas sabe que é, assim como os outros pobres, uma bucha de canhão. Está cansada, enquanto caminha com a filha pendurada em seu pescoço. Como pesa a criança, apesar de tão esquelética quanto a mãe.

Uma explosão ali perto faz a menina acordar. Porém, ela não chora, não se assusta mais, não tem mais lágrimas e já se acostumou com as explosões. Retorna ao sono, enquanto a mãe volta a pensar no cansaço, na falta de sorte, na desgraça de sua vida.

— Ei!

Uma voz masculina, em meio à escuridão, assusta a mulher.

— Não se assuste, sou de paz.

Sua voz é sibilante e escorregadia como uma serpente.

— Vem cá, meu bem, tenho comida aqui.

A palavra “comida” faz a mulher desistir de seu intento de fugir. A programação dos Artificiais os leva a lutar pela sobrevivência, custe o que custar.

— Quem é você? Não posso te ver, está muito escuro!

— É assim que deve ser, meu bem. Só assim sobreviveremos, no escuro.

Uma explosão ilumina, por uns segundos, o lugar, o suficiente para ela ver uma cara envelhecida e deformada (metade do rosto está repleta de cicatrizes) e uma boca que ri com poucos dentes, mas afiados.

Ela estremece, mas a fome é maior do que o medo e o asco.

— Posso ser um pai pra sua filhinha, meu bem. Posso cuidar de vocês duas. São tempos difíceis, eu sei. Mas deus me pôs em seu caminho.

Com passos hesitantes, a mulher caminha em direção à voz. A aproximação permite-lhe sentir o cheiro nauseabundo que emana do lugar

de onde vem a voz. A mulher sente um arrepio na espinha, um alerta, um aviso. Mas já é tarde para fugir.

O detentor da voz, apesar de magro, ainda tem força para dois golpes fatais. Agora tem carne para se alimentar e viver alguns dias mais.

Cinquenta e três

Como são as coisas na vida! Umas coisas vingam, outras mínguam. O acaso e o misticismo andam de mãos dadas, confundidos na mente crédula e desesperada dos crentes. Pode parecer que o alfa planejou tudo. Mas ele só planejou o que estava ao seu alcance. O resto foi fruto do acaso.

Lá no século XXI, o alfa concluiu que, logicamente, os Artificiais deveriam tomar o lugar dos Naturais, pois isso lhe parecia parte inevitável da evolução humana.

Humana também é a vaidade que o fez criar seu primeiro clone. E a vaidade desse cientista acabaria tomando grandes proporções. Mas o alfa não podia prever o que aconteceria no ano 4000.

Ele achou divertido ter discípulos. Elegeu algumas mentes brilhantes entre seus alunos universitários. A semente encontrou terreno fértil na mente de alguns deles, que, no futuro, tiveram também discípulos. E, com o passar do tempo, os discípulos se transformaram em crentes, e a ciência em cientismo.

Durante séculos, esses discípulos corrompidos pela crença foram responsáveis pela fabricação dos clones do alfa. E graças a isso, Adão está agora com o olhar perdido em direção à

janela, sentado em sua poltrona, reflexivo, imerso em sombras e autoconhecimento.

O advogado se aproxima, faz um carinho no braço do rapaz, que parece despertar de um sonho. Ele olha para o advogado, que percebe a placidez no rosto de Adão. O rapaz, a cada dia, se transforma no ser místico que acredita agora ser. Não conseguiu resistir ao abismo.

Adão se levanta, aperta a mão do advogado e o puxa, tranquilamente, rumo ao quarto. Ali, tira a roupa do homem tão branco e frágil diante dele, e possui seu corpo como um deus se apodera do corpo de um fiel em transe.

Nesses momentos, a melancolia do advogado desaparece, e ele é tomado de felicidade divina, prazer dos prazeres, todo o medo desaparece, toda a dúvida, toda a insegurança. Ele sabe que é amado por um deus, sabe que, em seus braços, está seguro, sabe que morrer por ele será doce.

Cinquenta e quatro

Ele tem uma foto no bolso costurado no interior da camisa. É a foto de um menino de doze anos, cabelo preto e liso, sorriso doce, olhar melancólico. Não, não é ele. Mas tinham a mesma idade quando o amigo faleceu, com apenas doze anos.

Agora tem trinta. Está sozinho, todos de sua família foram mortos em explosões provocadas pelos drones assassinos. Não, comandados por assassinos. Caminha, caminha, esfarrapado, em busca de abrigo e comida. Magro, tão magro quanto todas as outras vítimas da guerra.

Cansado, senta-se sob uma ponte e tenta ocultar-se na sombra. Pega a foto do amigo e a aproxima da luz do dia para ver o rosto dele. E se estivesse vivo? Mas ele se foi, deixou o amigo sozinho, que continuou. E sempre carregou ao seu lado uma falta, um vazio impreenchível.

Moreno, olhos verdes, belo não fossem as cicatrizes e a fome. Nunca sentiu por ninguém o que sentia por aquele menino. Alma gêmea, unha e carne, irmãos. O amor existe, mas só nos toca uma vez. E a Morte, invejosa daquele amor entre dois meninos, decidiu romper o fio da vida.

Coloca a foto de novo no bolso oculto. Levanta-se e segue, porque não há outra coisa a

fazer. E se tivessem crescido juntos? Mas o amigo é agora eternamente um menino, enquanto ele é um homem esquálido, faminto, solitário e infeliz.

No caminho, encontra corpos mutilados, espedaçados, que são devorados por cães, abutres e homens. Não vai ultrapassar o limite, sabe que não. Quer a morte. A dor no estômago, a dor da fome é incômoda, insana, quase irreal.

Tem sede, tem fome, tem medo. E o delírio é doce. O menino está ali diante dele. E estende-lhe a mão. Suas mãos sujas, cheias de crostas, tocam a lisa mão do menino. Sente um calor no peito, um alívio dos sentidos.

É de novo criança, sente a leveza do corpo, a ausência de dores, o prazer do sorriso. Os dois correm por um campo florido, em meio a girassóis. Ele então para e olha para trás, vê seu corpo adulto estirado sobre o chão.

— Adeus.

Diz e se vai, novamente completo ao lado de seu eterno amigo.

Cinquenta e cinco

O tempo passa, as mortes aumentam a cada dia. Mas, incrivelmente, as pessoas continuam a procriar. O ódio não dá espaço para o amor, mas o nobre sentimento resiste, como flor que nasce no asfalto. É o amor que leva à procriação? Todos sabemos que não.

Amor é o que Adão sente pelo advogado. Eles pouco se falam; se entendem com olhares e gestos. Porém, sabem que morreriam um pelo outro. Mas amar protegido em uma fortaleza é fácil. Adão não é um estrategista, para isso existem os militares.

Eles cuidam para que o prédio de Adão esteja sempre protegido e para que seus moradores estejam alimentados. Dias e mais dias, Adão passa sentado em sua poltrona, diante da janela da sala, e vê as horas passarem, enquanto pensa e pensa e pensa...

Ele também lê e relê o livro sagrado. Sabe que, quando a guerra acabar, será o comandante supremo da nação. Por algum motivo, acredita na vitória. Então, precisa conhecer cada detalhe do livro. De tanto lê-lo, começa a internalizar as “verdades” ali expressas.

O livro sagrado mistura elementos presentes na Bíblia cristã com (outras) ficções. Do ponto de

vista literário, é de se apreciar como ele consegue unir e harmonizar o passado com o presente tecnológico. Agora Adão precisa continuar a construir essa ponte temporal.

O que o livro fez foi ampliar uma crença já existente, acrescentar a ela novos elementos, profecias e promessas. A fé é semente fácil de germinar, pois o adubo que torna sua terra fértil temos em abundância: sofrimento, medo, insegurança. Se a humanidade fosse feliz, a palavra “fé” nunca existiria. Quando o Adão bíblico comeu do fruto proibido, ele e Eva foram expulsos do paraíso e conheceram a serpente da fé.

Vox se aproxima e encara Adão.

— O que foi? — ele pergunta, sem qualquer ansiedade.

— Você já ouviu falar em transmigração de consciências?

— Creio que não.

Na época do alfa, algumas consciências foram guardadas, na esperança de que, no futuro, tivéssemos tecnologia para implantá-las em corpos artificiais ou naturais.

Adão sorri antes de dizer:

— E me deixa adivinhar. Nós já temos essa tecnologia.

Vox balança a cabeça, afirmativamente. Depois, senta-se no chão em posição de lótus.

— Nossos soldados descobriram um banco de consciências, que estava sob a guarda do governo cristão.

Uma ruga de preocupação se forma na testa de Adão. Ele prevê o que Vox diz em seguida:

— Entre elas, está a consciência do alfa.

Cinquenta e seis

A guerra não tem só miseráveis, mas também privilegiados. O dinheiro compra uma paz exclusivíssima. A luxuosa mansão possui caríssimo sistema antidrones para proteger os privilegiados que ali moram.

A família heterossexual é composta por um homem e uma mulher cristãos. Eles têm uma filha de cinco anos e um menino de sete. Têm uma empregada e uma cozinheira, ambas pretas. Outros serviços domésticos, como reparações, são feitos por um homem branco e paupérrimo.

Com a guerra, sem fiscalização de qualquer espécie, os empregados trabalham a troco de comida e moradia. Protegidos da guerra, temem ser expulsos pelos patrões (ou senhores?). Por isso, aceitam qualquer imposição ou humilhação.

A fortuna da família tem origem escusa, como a maioria das fortunas nacionais. São privilegiados, mas acreditam ser merecedores. Só não saberiam explicar para os filhos por que os empregados trabalham tanto e não conseguem acumular fortuna.

Os filhos são o reflexo de seus pais, só querem aproveitar a vida, ter o prazer que lhes foi destinado por deus. Porém, o brilho ostensivo no meio da podridão dos destroços chamou a

atenção dos famintos, que começaram a cercar a propriedade. Logo uma multidão se colocou ali, a gemer, a gritar, a implorar por comida.

O barulho e o mau cheiro começaram a incomodar a família. A esposa estava sempre irritada. Que absurdo!, não podia desfrutar da paz que o dinheiro pode comprar. O marido estava furioso. Os filhos choravam porque o cheiro ruim dos corpos semivivos lá fora fazia mal a seus estômagos sensíveis.

É guerra, mas o dinheiro pode comprar a paz particular dos privilegiados, é fato, e essa família acredita nisso. E tem razão! Logo um drone cristão surgiu no ar e começou a alvejar aqueles zumbis. O sangue escorria, os gritos incomodavam os ouvidos sensíveis dos privilegiados.

Agora, dias após a matança, o mau cheiro é insuportável. Os corpos em putrefação não foram removidos e nem os necrófagos parecem interessados neles, já fartos de tanta comida. A família passa mal com o fedor. Afinal, tudo pode ser trazido pelo ar, por terra é impossível.

Almejam a chegada de um trator para arrastar a carne podre dali, mas por terra só se deslocam seres semivivos, naturais ou artificiais. E nem todo dinheiro do mundo pode afastar a realidade, por mais incômoda que ela seja.

Os Artificiais, assim como os Naturais, também fedem, apodrecem e são comidos por bestas aladas.

Cinquenta e sete

O que fazer com a consciência do alfa? Destruí-la? Essa seria a atitude mais sábia. Mas Naturais e Artificiais possuem curiosidade, muitas vezes fatal. Por enquanto, a descoberta das consciências é uma informação restrita. Mas não vai demorar para que a notícia se espalhe.

— Nada disto faz sentido — diz Adão.

O advogado fica em silêncio.

— Você sabia que o primeiro homem artificial recebeu o nome de Adão? — Vox faz essa pergunta retórica, pois todos sabem disso.

O advogado critica:

— As pessoas têm obsessão por essa falsa origem dos Naturais, por essa falsa divindade, por esse falso paraíso.

Adão levanta-se de sua poltrona e faz um carinho no rosto do advogado. Caminha de um lado para outro, enquanto Vox e o advogado permanecem de pé, à espera.

— O alfa também deu o nome de Eva à primeira mulher artificial — relembra Adão. — Fico pensando se ele tinha alguma crença cristã ou simplesmente quis dizer que também possuía o poder criativo de um deus.

— Não há nenhum documento que nos esclareça acerca de suas convicções existenciais — declara o advogado.

— Se o alfa for cristão e assumir o poder, ele pode mudar os rumos da guerra.

Depois de dizer isso, Adão olha para Vox e pergunta:

— Das consciências encontradas, qual delas foi mais próxima do alfa?

Vox pensa antes de responder:

— Sem sombra de dúvida, a de seu melhor amigo.

Adão levanta uma sobrancelha.

— Amigo ou amante?

— Amigo — diz Vox, com convicção. — O alfa era heterossexual.

— Típico — o advogado sussurra para si mesmo.

Vox continua:

— Acho que ele é o escritor fantasma por trás do livro do alfa.

Adão fica em silêncio por um momento e depois:

— Está decidido então. — Ele volta para sua poltrona. — Vamos reativar a consciência do amigo do alfa.

Cinquenta e oito

O soldado caminha sozinho, agarrado a seu desativador. Foi expulso do batalhão porque beijou outro soldado, que reagiu com soco e denúncia. A maioria queria que ele ficasse desarmado, mas o comandante gostava de se achar humanitário. Outro gritou que não devia usar a farda, mas o comandante já não via farda, só trapo.

O maltrapilho soldado caminha a esmo em meio ao fedor da guerra. Não entende por que o alfa fez os Artificiais assim, tão à sua imagem e semelhança. Podia ter criado corpos perfeitos, sem dor, sem cheiro, sem fome, sem desejo. Mas aí não seriam humanos, seriam apenas máquinas.

Cristão desde que nasceu, acompanhava a mãe ao culto, tinha o sonho de ser pastor. Então veio a guerra, e o desejo que reprimia aflorou no companheirismo militar, o amor por outro soldado, a vontade de um corpo para abraçar, ser dois, não mais um. Não sabia ler os sinais, era inexperiente nessa coisa guei.

Ouve um barulho, fica em alerta, desativador em punho, sem saber de onde vem a ameaça. Sai das sombras dos escombros uma menina macilenta e seminua. Parece ter uns dez anos. Ela

se aproxima e coloca a mão sobre a região pubiana dele.

O soldado dá um salto para trás.

Não há sensualidade na voz da menina, apenas cansaço, quando ela diz:

— Me dá comida e faço o que você quiser.

Ele poderia ficar surpreso, enojado, revoltado, horrorizado. Mas a guerra tem dessas coisas, normaliza a prostituição de uma criança que passa fome.

O soldado solitário enxota a menina, como faria com um cão vira-lata. Ela dá alguns passos rumo às sombras de onde veio, passos de velha. Mas então para, é decisão.

Arrasta-se de novo até o soldado.

— Me mata — pede.

Ele não se compadece, só pensa que não deve gastar munição à toa. Novamente, enxota a menina, que nem consegue chorar. Ela volta, resignada, para os escombros, onde deve morrer lentamente, sem compaixão, enquanto o soldado caminha rumo a lugar nenhum.

Cinquenta e nove

O amigo do alfa logo se acostuma com o corpo emprestado. Ele está em um dos apartamentos do prédio onde Adão mora, no Setor 12. Adão desce até o apartamento onde o amigo do alfa o espera.

O corpo que recebeu a consciência do amigo do alfa é branco, com cabelo e olhos pretos, boca fina, nariz achatado. Ele é baixo, magro e atraente. Na sala do apartamento, Adão e o amigo do alfa se sentam para conversar, cada um em uma poltrona.

— Então, você é o escritor fantasma por trás do livro do alfa?

O amigo do alfa sorri antes de dizer:

— Eu escrevi o livro. Era uma coautoria, mas coautoria é uma mentira. Um dos autores sempre vai tomar as rédeas da escrita. A ideia do livro foi de Teodoro, que estava entediado. Mas logo ele deixou o projeto literário de lado pra se dedicar a seus projetos científicos. E agora que vocês — ele ri e faz sinal de aspas com os dedos indicador e médio — *me ressuscitaram*, fiquei surpreso com o fato de que meu livro tenha se transformado em algo sagrado.

— E está satisfeito?

O semblante do amigo do alfa fica sombrio.

— Meu livro é uma crítica às religiões e à fé cega. Usei partes da Bíblia, mas com tom irônico, que parece não ter sido entendido pelos leitores. No final das contas, cada um vê aquilo que quer ver. Mas tenho que confessar que sinto certa satisfação em ver a obra viva, é como um filho que tomou o caminho errado, mas ainda assim é seu filho. Pena que meus outros livros se perderam. Alguns deles valiam a pena.

— Você escreveu outros?

— Em torno de trinta livros, ignorados na época. — Ele sorri triste. — Ignorados sempre.

Adão não está interessado em questões literárias, apesar de gostar de literatura.

— Me fala sobre o alfa.

— É engraçado como vocês o chamam. Teodoro era um homem ambicioso e obsessivo. A nossa amizade começou quando éramos crianças. Eu era muito fraco, e os outros garotos se aproveitavam de mim. E Teodoro me defendia. Crescemos juntos, e aceitávamos os defeitos um do outro. Nossa amizade virou um hábito.

— Vocês dois eram namorados?

O amigo do alfa ri.

— Não, ele era heterossexual. E tínhamos duas paixões. Eu, a literatura. Teodoro, a ciência. A arte e a ciência são duas amantes possessivas.

Então, desistimos de buscar sexo e amor, e nos alimentamos da droga dos deuses.

— Droga dos deuses?

— A criação.

Sessenta

O cão esquelético caminha entre os destroços. Desconfiado, para quando ouve algum som misterioso, o inimigo está à espreita. Não tem mais força para uivar ou ganir. Latir, só em último caso, apesar de o instinto levá-lo a. Milênios de ancestralidade correm pelas suas veias.

Fome e sede. Fuça aqui e ali, disputa comida com a espécie humana, interrompe a parceria ancestral. O instinto frustra o desejo de morrer. Segue, com instinto e alguma consciência, uma consciência canina: estou.

A pancada é certeira, na cabeça, um ganido, algum estertor. Outra pancada abre um oco na cabeça, a morte enfim, superior aos instintos. O agressor, tão magro quanto o cão, morde o animal ainda quente e se lambuza de sangue, pele, pelos, nervos, carne e alguma gordura.

A forma humana se arrasta para as sombras, grudada ao alimento, que já foi cão. Programada para sobreviver, apesar de tudo. Quando se tem fome, sede e dor, não há espaço para questionamentos, para ideologias, tudo se reduz a um estado primário.

Sabem disso os ditadores.

A dor do cão alimenta a dor do homem, prolonga-a para mais alguns dias. Um homem que não tem passado nem futuro, só tem presente. Sem lembrança ou esperança, só agora e mais nada.

O cão seria livre se não tivesse um deus, mas era escravo dos humanos. Já o homem nunca foi livre. Por que o alfa manteve a dor, a fome, a sede, a libido, o sangue, a merda, o mijo, a porra? Por que não criou a perfeição sem necessidades? Porque isso não é ser humano e muito menos uma criação de deus.

Perceba que estamos falando de deus, não de um deus específico. Os cristãos gostam de repetir que “deus é um só”. Tão arrogantes, e adoram vomitar humildade. “Deus é um só”, o *deles*, é claro. Por que o alfa permitiu que sua criação fosse escrava da crença? A crença mantém o ser humano em seu estado primitivo, escravo do irracional.

O alfa era pobre como qualquer deus, não conseguia ver além de si mesmo, tudo se reduzia à sua imagem e semelhança. O mundo gira em torno de um grande umbigo. Foi assim no princípio. Mas tudo tem um fim.

Sessenta e um

— Como é a sensação de voltar à vida?

O amigo do alfa sorri.

— É como a sensação de nunca ter morrido.

Adão enruga a testa.

— Apenas acordei, é como se eu estivesse dormindo.

— E você se lembra de como foi sua morte?

— Não, e ninguém quis me contar como foi.

— Por um simples motivo, ninguém sabe.

— Não?

— Foi uma surpresa pra todos nós a sua existência.

O amigo do alfa fica pensativo.

— Foi o Teodoro, não foi? Ele decidiu preservar minha consciência.

— É o mais provável.

— Mas por quê?

— Eu esperava que você me dissesse isso.

— Me desculpa, Adão, eu não faço ideia.

O amigo do alfa parece confiável, mas Adão aprendeu que "as aparências enganam", uma verdade milenar. O alfa deve ter tido um motivo para manter a consciência do amigo. Se fossem amantes, tudo estaria explicado. Mas o alfa era heterossexual, segundo o amigo.

Adão não pode evitar sentir-se incomodado com a forma com que o amigo do alfa o olha.

— É incrível. Olho pra você e acho que estou diante do Teodoro.

— Somos escravos dos nossos sentidos.

— É verdade. No final das contas, não conseguimos ver além das aparências.

— Você acha que o alfa tinha noção de que o livro se tornaria sagrado?

O amigo do alfa nem titubeia antes de responder:

— Não, o livro não tinha nenhuma importância pro Teodoro. Era minha obra literária, ele nem chegou a ler, acho. O negócio dele era a ciência e a obsessão de levar a espécie humana a um novo estágio de evolução.

— Ele queria a eternidade, não é mesmo?

— Você deve estar se perguntando por que um cientista era amigo de um escritor. Porque tínhamos coisas em comum. O gosto pela criação, mas também nossa egolatria, conhecida como o mal dos deuses. Você é resultado disso, Adão.

— Oquei, você está me dizendo que o alfa não planejou nada?

Ele fica em silêncio e depois:

— É preciso ser um deus pra conseguir controlar os acontecimentos durante quase dois mil anos, não acha?

— Você acha que ele era um deus?
O amigo do alfa dá uma gargalhada.
— Só artistas são deuses.

Sessenta e dois

Durante a guerra, a esposa do juiz começou a ter visões. Agora ela acredita que possui algum tipo de poder divino. Está em um abrigo subterrâneo, juntamente com outros fanáticos fascistas. Ultimamente, tem um pesadelo recorrente, e acorda com a sensação de sufocamento, é que Vox a segura pela garganta, enquanto a esposa do juiz esperneia, as pernas soltas no ar, quarenta andares acima do chão.

Se é uma premonição, vai ter que matar Vox, além de dar a Adão uma morte gloriosa, para cumprir a profecia. Ela não sabe que nem Vox vai matá-la, nem ela vai matar Vox, nem Adão terá uma morte gloriosa. Mas os tolos não possuem nada além de crenças.

Cada cristão que perde a fé durante a guerra e expressa dúvida, assina sua sentença de morte, pois seus antigos “irmãos em fé” são impiedosos. Não é deus que está em todo lugar, é a deusa Morte, com sua foice afiada e seu olhar insensível. Soberana, impassível, ceifadora. A Morte não conhece a compaixão, só a dor, que não sente, mas observa.

A arte não morre durante a guerra, ela nunca morre. Durante esse conflito sangrento, um pintor anônimo retrata a Morte. Ele usa a imagem

clássica: a Morte, esquelética, com um gótico vestido preto, segura a foice. Mas, na criação do artista, ela fuma um cigarro após mais uma colheita, enquanto a foice pinga sangue. A Morte fuma após o orgasmo que é matar.

Toda a genialidade da pintura está no cigarro e no que ele sugere. Coisa que os tolos são incapazes de ver. Há quem ache engraçado a Morte fumar, não porque entenda o que está por trás do ato de fumar, mas porque os tolos acham engraçado a Morte fumar e nada mais.

O artista anônimo é, na verdade, uma artista. Mulher pintora. Mas ninguém imagina, pois deus ainda é homem, branco, heterossexual, cisgênero e de aspecto burguês.

Sessenta e três

O amigo do alfa se levanta. Adão também se levanta. Parece o início de uma despedida. Mas é o contrário. O amigo do alfa se aproxima de Adão. O instinto faz a respiração de Adão se acelerar, assim como o coração, que bombeia sangue para o seu enorme falo de deus.

Ele tem diante de si quase dois mil anos de desejo, não é possível resistir a algo assim, não, não é possível. E o amigo do alfa é tão atraente. Adão agarra seu comprido cabelo liso, de forma a inclinar a cabeça do amigo do alfa para trás, pois ele é mais baixo do que Adão.

— Pensei que você fosse heterossexual.

O amigo do alfa sorri e fala:

— Isso não é uma limitação.

— Ah, é sim.

— De acordo. É uma limitação. Mas é mais fácil assumir uma identidade aceita...

Adão o cala com um beijo tão gostoso que faz o amigo do alfa ficar tonto.

— Não vamos falar de política agora — diz Adão, após o beijo.

— Não, não vamos.

Adão se lembra de algo e pergunta:

— O alfa era cristão?

— Não vamos falar de religião agora.

— Não, não vamos.

E os dois se despem, se beijam, se lambem, se chupam, se comem, se gozam, se gemem, se choram, se riem, se morrem, se querem como nunca mais, mas é apenas um momento, um longo momento, um acontecimento, uma possível memória.

Deitados no chão, lado a lado, aparentemente saciados, permitem o silêncio, até que o amigo do alfa diz:

— Sempre amei Teodoro, apesar de ele ser um homofóbico. Eu era, sou capaz de tudo por ele. E você é ele, quer dizer, tem o corpo dele. E sou grato por me permitir tal ilusão.

— Quase dois mil anos de desejo.

— Jamais saciado. Porque quero mais, Teodoro.

— Adão.

— Me dá mais um pouco de ilusão.

— Oquei.

O amigo do alfa se apoia em um dos braços, olha nos olhos de Adão e confessa:

— Eu te amo, Teodoro, mais do que a minha própria vida. Eu te amo, Teodoro, mais do que a qualquer deus. Eu te amo, Teodoro, mais do que ao próprio amor. Por você, sou capaz de trair, torturar, matar e até mesmo praticar atos sublimes. Sou seu escravo, Teodoro. Capaz de

tudo, sem limites, tudo, tudo, absolutamente tudo por você.

Ele beija Adão com a mesma paixão de antes, porque o amor do amigo do alfa é daqueles amores que nunca conhecem a saciedade.

Epílogo

Adão sobe as escadas, pensativo, rumo ao apartamento que compartilha com Branco, o advogado e Vox. Ao entrar, é agarrado por dois soldados. O advogado e Branco estão caídos no chão, mortos. Vox olha para Adão, com frieza. Ainda assim, ele consegue ler a traição.

— Vox, você existe pra me proteger!

— Você entendeu tudo errado, Adão.

— O que eu entendi errado?

— Minha missão nunca foi proteger você, mas sim o corpo do alfa.

O entendimento é luz no rosto do rapaz.

Adão sente uma picada de agulha no pescoço e adormece para nunca mais. Seu corpo está pronto para receber a consciência do alfa.

Horas depois, ele abre os olhos, e o alfa sorri.